

Cândida Pereira da Silva

DO PRIVADO PARA O PÚBLICO: o percurso da ideação suicida nas redes sociais

Palmas – TO

2019

Cândida Pereira da Silva

DO PRIVADO PARA O PÚBLICO: o percurso da ideação suicida nas redes sociais

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.a M.e Cristina D'Ornellas Filipakis Souza.

Palmas – TO

2019

Cândida Pereira da Silva

DO PRIVADO PARA O PÚBLICO: o percurso da ideação suicida nas redes sociais

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.a M.e Cristina D'Ornellas Filipakis Souza.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.a M.e Cristina D'Ornellas Filipakis Souza

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. M.e Fabiano Fagundes

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.a M.e Lauriane dos Santos Moreira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2019

*Ao meu Pai Valdemir Pereira da Silva, sua trajetória me enche de orgulho, e por sua causa, o sonho foi realizado.
(In memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Até aqui me ajudou o Senhor! Começo por essa frase, pois dela veio minha força e coragem para prosseguir. Deus permitiu que minha caminhada não fosse em vão, me capacitou e me fez seguir em frente, a ele toda Glória, Adoração e Louvor.

À minha orientadora Cristina D'Ornellas Filipakis! Sei da sua competência, mulher de valor, és de uma grandeza sem igual. Refiro a sua pessoa como um anjo sem asas.

Em especial ao meu esposo Luiz Carlos de Lima Teixeira! Meu companheiro de jornada, abriu mão de seus interesses para estar comigo nessa caminhada. Te amo!!!

À meu Pai Valdemir Pereira da Silva! (In memoriam). Obrigada pelos ensinamentos, pelas milhares de bonecas, pelos beijos na testa, pela vida que me destes, pelo amor que me acompanhou a minha vida toda, pela força sem igual, pela coragem de lutar por sua família e pelo o que acreditava. Grata pela oportunidade de ter estado ao seu lado no seu último suspiro, no seu último adeus. Sinto saudades do teu cheiro.

Minha Mamãe Isabel Dias de Brito! Mulher da minha vida. Obrigada por me ligar todos os dias, muitas vezes os trabalhos acadêmicos me consumiam, e se não fosse o seu amor e cuidado não ouviria sua voz e nem seus conselhos diários. Não tem como mensurar meu amor pela senhora. Amor que não se mede.

Aos meus irmãos Reinaldo Pereira da Silva, Valéria Pereira da Silva, Edson Pereira da Silva e Matheus Bruno da Silva Brito! Amor que dói, amor que aquece a alma. Obrigada por vocês existirem em minha vida, são parte de mim, é o que me completa.

Ao meu cunhado José Manuel Feio do Vale Peixoto e cunhada Raimunda Cirqueira! Vocês são especiais em minha vida, fazem felizes as pessoas que mais amo, grata pela vida de cada um. O meu muito obrigada!!!

Meu sobrinho Davi Cirqueira da Silva! A busca pelo meu sonho não permite que te acompanhe diariamente, faltei as festas de aniversários, da escola, e muitos outros momentos. Mas cada vez que via seus olhinhos e sentia seus abraços, e o quanto é esperto e saudável, tudo vale a pena.

À minha afilhada Kamilly Aguiar Pereira da Silva! Minha melhor amiga. Simplesmente te amo, meu amor.

Às minhas amigas! Ana Patrícia, Adriele Freire, Aline Figueredo, Ismarina e Thávila. Companheiras de jornada, foram e são importantes em minha vida. Me apoiaram e me acolheram. Estiveram sempre ao meu lado nos momentos difíceis, sem elas, a caminhada seria bem mais difícil.

À banca! A começar pela professora Lauriane dos Santos Moreira. Desde que cheguei a esta Instituição e que me dei conta do processo que estava por vir, tive como suporte esta pessoa incrível, que em muitos momentos se fez presente: com conselhos, com a amizade, com a experiência, com todo amor pela profissão e pelos seus alunos. Frases que me ajudaram no momento que mais precisei “*viva sua experiência*”, “*5 anos vão passar, e o que você irá fazer nesses anos*”? As palavras tanto edificam como destroem a vida do ser humano, e essas e tantas outras me ajudaram. Sou eternamente grata por estar na minha banca, fechando essa etapa comigo.

No decorrer dessa trajetória tive a felicidade de conhecer pessoalmente o professor Fabiano Fagundes. Não saberia descrever o quanto me ajudou, o quanto foram decisivas suas palavras acolhedoras nessa reta final, o quanto a sua atuação como professor me ajudou a fazer este trabalho. Sei que tens um coração gigante e sincero, e sei também que parte da minha segurança ao fazer esta pesquisa, vem de seus ensinamentos.

Aos meus professores! O meu muito obrigada. Cada um de vocês influenciaram minha vida de uma forma muito especial. Gratidão eterna.

As participantes da pesquisa! Ao realizar esta pesquisa me deparei com duas pessoas incríveis. Conhecê-las foi um imenso prazer, e suas contribuições enriqueceram este trabalho. Tens todo o meu respeito e admiração por suas histórias de vida, e por serem quem são. Grata!

Enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente estiveram comigo, ou passaram por minha vida, deixo o meu muito obrigada. Desejo a todos que Deus se faça presente na vida de cada um.

“Porque eu, o SENHOR, teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo: Não temas, que eu te ajudo” (ISAÍAS 41:13).

RESUMO

SILVA, Cândida Pereira da. **DO PRIVADO PARA O PÚBLICO**: o percurso da ideação suicida nas redes sociais. 2018. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2019.

O suicídio vem de um histórico de tabus e, na atualidade os fenômenos são difíceis de serem compreendidos de forma imediata, a sociedade vive em um processo acelerado de mudanças, pois a globalização é um fato. Nesse sentido, o século vigente pode estar ou não contribuindo para que essa temática venha a se tornar mais frequente a cada dia. Diante disto, sugere-se que o suicídio pode estar sendo potencializado. Portanto, a contemporaneidade trouxe consigo muitos aspectos que potencializaram o modo de existir das pessoas. Um dos frutos desse século XXI são as redes sociais, que estão presentes no cotidiano e que, de alguma forma, podem ou não estar influenciando os pensamentos suicidas e suas particularidades. Portanto, o objetivo deste trabalho é entender e buscar conhecer esse universo que envolve os pensamentos suicidas e, conseqüentemente, os percursos que levam os suicidas a publicar nas redes sociais sua ideação, como também os perfis e as causas inerentes a este sujeito. Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, de abordagem qualitativa, de finalidade exploratória e sendo uma pesquisa de campo. A pesquisa foi realizada no Serviço Escola de Psicologia do CEULP/ULBRA – SEPSI. Foram selecionados casos de clientes atendidos entre janeiro de 2015 e junho de 2018 e que tivessem relato de ideação suicida durante os atendimentos. Em resposta ao problema de pesquisa, conclui-se que os fatores que motivam as pessoas a mudar o percurso da ideação suicida de maneira privada para publicização nas redes sociais advém do fato de tê-las inicialmente como uma distração e, diante do que estava sendo explicitado (suicídio e outros), o interesse em publicar foi manifestado. Deste modo, as causas que levaram a publicar a ideação suicida vêm do entendimento de ter um espaço a mais para se comunicar, é na rede social que consegue expressar a maneira como está se sentindo. Vê uma oportunidade de chamar atenção das outras pessoas para aquilo que sente, e entende que através das suas postagens pode ajudar alguém na mesma situação. Portanto, o perfil de quem expõe relaciona-se a de uma pessoa que tem mais facilidade de usar todos os meios de comunicação para sua demanda e que vê na internet a possibilidade para falar como se sente.

Palavras-chave: Suicídio, Pós-modernidade, Rede social.

ABSTRACT

SILVA, Cândida Pereira da. FROM PRIVATE TO PUBLIC: the course of suicidal ideation in social networks. 2018. 64f. Course Completion Work (Undergraduate) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO, 2019.

Suicide comes from a history of taboos, and nowadays phenomena are difficult to comprehend immediately, society is living in an accelerated process of change, since globalization is a fact. In this sense, the current century may or may not contribute to this theme becoming more frequent each day. In view of this, it is suggested that suicide may be being potentialized. Therefore, contemporaneity has brought with it many aspects that have enhanced the way people exist. One of the fruits of this twenty-first century is social networks, which are present in everyday life and that, somehow, may or may not be influencing suicidal thoughts and their particularities. Therefore, the objective of this work is to understand and seek to know this universe that involves suicidal thoughts and, consequently, the routes that lead the suicidal to publish in social networks their ideation, as well as the profiles and the causes inherent to this subject. It is a research of an applied nature, of qualitative approach, of exploratory purpose and being a field research. The research was carried out at the School of Psychology Service of CEULP / ULBRA - SEPSI. Cases of clients attended between January 2015 and June 2018 were selected and reported suicidal ideation during the visits. In response to the research problem, it is concluded that the factors that motivate people to change the path of suicidal ideation in a private way for social network advertising comes from having them initially as a distraction and, in the face of what was being (suicide and others), the interest in publishing was manifested. In this way, the causes that led to the publication of suicidal ideation come from the understanding of having more space to communicate, it is in the social network that can express the way you are feeling. She sees an opportunity to draw other people's attention to what she feels, and understands that through her postings she can help someone in the same situation. Therefore, the profile of who exposes is related to that of a person who is easier to use all means of communication for their demand and who sees on the internet the possibility to speak how they feel.

Keywords: Suicide, Postmodernity, Social network.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Dados pessoais das participantes da pesquisa.....	31
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABP	Associação Brasileira Psiquiatria
CEP	Comitês de Ética em Pesquisa
CEULP/ULBRA	Centro Universitário Luterano de Palmas / Universidade Luterana do Brasil
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CVV	Centro de Valorização da Vida
OMS	Organização Mundial de Saúde
SEPSI	Serviço Escola de Psicologia do CEULP/ULBRA
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SUICÍDIO	15
3 PÓS-MODERNIDADE E SUICÍDIO	21
4 REDES SOCIAIS	26
5 METODOLOGIA	29
5.1 DESENHO DO ESTUDO	30
5.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	30
5.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	30
5.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	31
5.5 VARIÁVEIS.....	31
5.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, REGISTRO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	31
5.7 ASPECTOS ÉTICOS	33
5.7.1 Riscos	34
5.7.2 Benefícios.....	35
5.7.3 Desfechos	35
5.7.3.1 <i>Desfecho primário</i>	35
5.7.3.2 <i>Desfecho secundário</i>	35
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	366
6.1 O percurso de história de vida diferenciado da ideação privada ou particular para a ideação pública	377
6.2 A importância das redes sociais	411
6.3 Diferencial e perfil da participante que publica e da participante que age de forma isolada	488
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	533
REFERÊNCIAS	555
APÊNDICES	59

1 INTRODUÇÃO

O suicídio “é definido como um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, [...] usando um meio que ele acredita ser letal” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PSIQUIATRIA - ABP, 2014, p. 9). Cabe salientar que o suicídio vem de um histórico de segredos, invisibilidades e tabus, em que não se fala e não se ouve falar sobre (TRIGUEIRO, 2015). Para que esse fenômeno seja compreendido, falar é o caminho a ser seguido. Contudo, sem informação não existe transformação.

Elucidar o assunto possibilita à sociedade a oportunidade de se mobilizar em prol de estratégias que busquem ações de prevenção. Entretanto, cabe a desmitificação de ideias cristalizadas sobre o suicídio e o processo que o antecede. Para tanto, quebrar paradigmas não é tarefa fácil, requer muita dedicação e trabalho árduo (TRIGUEIRO, 2015).

O suicídio é complexo e requer bastante atenção. A ABP (2014, p. 15) chama atenção para este fato, que “as taxas de suicídio vêm aumentando globalmente [...]”. Respectivamente, Trigueiro (2015, p. 20) alerta também para situação que “o suicídio representa 1,4% de todas as mortes no mundo”.

Considerando a complexidade do fenômeno, entende-se que há múltiplos fatores relacionados. O comportamento humano não funciona de forma linear e traz consigo a subjetividade. A simplificação desta temática, e os cuidados inerentes, devem ser revistos e dada a devida importância que essa questão representa para sociedade de modo geral (TRIGUEIRO, 2015).

Em se tratando das tentativas suicidas, requer entender o processo que antecede o ato: a ideação. Então, sugere-se a seguinte pergunta: o que vem a ser a ideação suicida? Cabe ressaltar que são pensamentos extremamente significativos, ou seja, uma contemplação séria sobre o assunto, concomitantemente, uma formulação perigosa em forma de pensamento, considerados pelos profissionais de saúde como algo de extrema preocupação (BARLOW; DURAND, 2015).

Na atualidade os fenômenos são difíceis de serem compreendidos de forma imediata. A sociedade vive em um processo acelerado de mudanças, a globalização é um fato, e a cada dia algo se transforma, e nada se torna sólido. Diante deste cenário, o comportamento humano tenta se adequar à nova realidade. Ou seja, enquadrar na modernidade é estar em constante correria, não há tempo para pouso, constantemente tudo muda e se modifica. A rapidez com que tudo acontece faz com que o sujeito contemporâneo tenha que se reinventar sempre, as mudanças fluem a todo momento, enquadrar-se a essa realidade, é viver um passo à frente dos acontecimentos, é estar constantemente acelerado, percebe-se que [...] “na sociedade em que vivemos, nos faz inquietos e prontos para correr” (BAUMAN, 2001, p. 154). Cabe então refletir

sobre esta sociedade e pensar como o ser humano se comporta diante deste contexto; em se tratando do suicídio, em especial a ideação, até que ponto são afetados? Há possibilidade que esses pensamentos se potencializem e se tornem mais reais?

Um dos frutos que a sociedade moderna traz é a tecnologia e as redes sociais são uma dessas ferramentas que se fazem presentes e necessárias. Então, “é notória a influência das redes sociais da internet no cotidiano de bilhões de pessoas [...]” (ROSA; SANTOS, 2015, s/p). Sugere-se a possibilidade de que viver sem acessar essa ferramenta nos dias atuais pode configurar uma situação complicada. Entretanto, discutir a utilização desses meios como ponte para publicação da ideação suicida em nível mundial é de extrema relevância e leva a especular quais percursos se utilizaram, entendendo-o como um processo que parte do princípio do privado para publicação nas redes sociais.

Nesse sentido, como problema de pesquisa, cabe a pergunta: quais fatores motivam as pessoas a mudar o percurso da ideação suicida de maneira privada ou particular para a sua publicação nas redes sociais? Portanto, como hipóteses, supôs-se que há um percurso diferenciado que expõe a ideação nas redes sociais em relação ao percurso do que mantém no âmbito privado; que a exposição online permite uma divulgação em massa da ideação suicida; que a ideação suicida deixou de ser isolada para se tornar pública e que a publicação é uma forma de chamar a atenção, de ser visto, e quem sabe, ajudado.

Portanto, esta pesquisa teve como objetivo geral identificar os fatores que motivam as pessoas a mudarem este percurso, do privado para o público e para alcançar essa finalidade, dispõe dos seguintes objetivos específicos: verificar se há um percurso de história de vida diferenciado da ideação privada ou particular para a ideação pública, como também identificar as causas que levam as pessoas a escolher publicar a ideação suicida, através de entrevistas semiestruturadas, e respectivamente caracterizar os perfis das pessoas que procuram expor sua ideação suicida nas redes sociais.

Diante da importância dos assuntos referidos, justifica-se esta pesquisa o fato do tema suicídio aguçar a curiosidade da pesquisadora desde sempre. Entender esse fenômeno, e sua importância, permitiu maior interesse, e o desejo de aprofundar neste universo aumentou. Segundo Trigueiro (2015, p. 20), “não é fácil explicar por que há tanto suicídio no mundo”. Considera-se que, mesmo com as dificuldades inerentes a essa temática, há possibilidades que este fenômeno seja elucidado, através do conhecimento aprofundado sobre o assunto.

Cabe destacar que há um aumento significativo de pessoas que pensam sobre a possibilidade de se suicidar e que acabam efetivando o ato. De acordo com as estatísticas comprovam dados alarmantes: “para cada pessoa que consegue se suicidar, mais de 20 tentam

se matar sem sucesso uma ou mais vezes. Há uma tentativa a cada 2 segundos” (TRIGUEIRO, 2015, p. 24).

Segundo a ABP (2014, p. 15) “estima-se que até 2020 poderá ocorrer um incremento de 50% na incidência anual de mortes por suicídio em todo mundo [...] o que ultrapassa o número de mortes decorrentes de homicídios e guerra combinados”. Os números aumentam a cada ano, tornando-se algo intrigante e desafiador, pois trata da vida humana e sua complexidade.

Outro dado relevante é que o suicídio envolve

[...] todas as faixas etárias e, também, vários contextos socioeconômicos [...], a OMS registra suicídios a partir dos cinco anos de idade [...] e está entre as duas ou três causas mais frequentes de morte para grupo de adolescentes e adultos jovens (CONSELHO FEDERAL PSICOLOGIA (CFP), 2013, p. 25).

Devido ao crescimento vertiginoso e silencioso de intento suicida, faz-se necessário compreender este fenômeno. Entretanto, a especificidade desta pesquisa não foi a compreensão do suicídio em si, mas o que se apresenta na atualidade, a publicação em massa em redes sociais da ideação suicida. Entende-se que ao publicar a ideação o percurso utilizado pode ser outro (história de vida de cada sujeito), como também as causas e os perfis dessas pessoas que têm esses pensamentos suicidas.

Em resumo, não se trata mais de algo ou de alguém em específico, percebe-se que esse fenômeno está a cada dia ocupando um espaço considerável na vida das pessoas. E no campo da psicologia, a práxis desse profissional requer um olhar diferenciado, pois em alguns casos, publicar o ideação/ato suicida se tornou usual. Então, o que pode estar motivando essa exposição? Quais aspectos estão envolvidos nesse contexto? Essas questões foram analisadas minuciosamente nesta pesquisa.

De acordo com o que precede, quanto mais informação e estudo acerca do assunto, maior o leque de estratégias a serem utilizadas em prol da prevenção e o cuidado. E o psicólogo deve se “conscientizar de que precisa ler mais, informar-se sobre o fenômeno, sabendo que há diversos fatores de risco para suicídio [...]” (CFP, 2013, p. 28). Portanto, entende-se a importância da psicologia se debruçar sobre o tema.

A população, quando informada, consegue dialogar e se prevenir de possíveis situações perigosas, possibilita-se ampliar o entendimento acerca da vida e da morte. O conhecimento permite crescimento pessoal e tomada de decisões mais assertivas, baseia-se em que “a maioria das pessoas reage ao ouvir a notícia de um suicídio com tristeza e curiosidade. Algumas reagem tentando se suicidar, frequentemente pelo mesmo método que acabaram de ouvir” (BARLOW; DURAND, 2015, p. 267).

Na contemporaneidade percebe-se que falar sobre a morte ainda é um tabu, em resumo, não gostam de falar e nem de ouvir falar (CFP, 2013). Portanto, a forma como irão elaborar

essa situação depende de cada um, mas se há conhecimento *a priori*, tudo leva a crer em um final positivo.

Observa-se um quadro preocupante, por se tratar da morte de alguém por um ato tão extremo, por motivos tão particulares e complexos. Nesse sentido, a sociedade precisa romper barreiras e se familiarizar sobre o assunto, permitir se aprofundar, sem tabus e medo de falar sobre o que pensa e sente a respeito, munindo-se de estudos que orientem discussões pertinentes e relevantes, como se prevenir e ajudar os demais que necessitarem de apoio. A informação é o primeiro passo para compreender esse fenômeno, pois, segundo Trigueiro (2015, p. 45) “o silêncio em torno do assunto alimenta a passividade [...]”.

Com mais estudos, a sociedade se beneficiaria. Concomitantemente, casos de ideação podem ser reduzidos e detectados de imediato por seus pares, como amigos e familiares, pois tudo começa por um pensamento recorrente, que insiste e persiste, até se tornar real. O silêncio muitas vezes impera, e por vezes não deixam indícios de comportamento suicida. Cabe então, detectar precocemente esses pensamentos.

Assim, para melhor compreensão, o primeiro capítulo da presente pesquisa aborda o tema suicídio e sua etiologia, em seguida, o segundo com a pós-modernidade e suicídio, ilustrando os processos inerentes as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, até a contemporaneidade, e por último, o terceiro capítulo abordando as redes sociais como fruto dessas transformações, e sua relevância na vida do sujeito contemporâneo. Em seguida, a elucidação do referencial teórico, concomitantemente com os processos metodológicos inerentes a esta pesquisa. São apresentados os resultados e discussão, assim como as considerações finais, e posteriormente, as referências bibliográficas, bem como os apêndices que referem-se ao TCLE e o questionário da entrevista semiestruturada.

2 SUICÍDIO

Foi a partir do século XVII que o termo suicídio surgiu. A palavra é derivada do latim (sui = de si próprio; *caedere* = matar), em modificação a homicídio de si próprio (BOTEGA, 2015). O suicídio remete a um pesar, pois é um fenômeno de difícil compreensão, sua natureza é forte e foge de um entendimento simplório.

Sendo assim, seguem algumas definições: “Classicamente, o suicídio é o homicídio de si mesmo” (DORON; PAROT, 2001, p. 724). Outra definição, “é uma manifestação humana, uma forma de lidar com sofrimento, uma saída para livrar-se da dor de existir [...] aquilo de que o sujeito pode dispor quando a vida lhe parecer insuportável” (CFP, 2013, p. 31). Trigueiro (2015, p. 12), afirma que “é um fenômeno que está a desafiar todos os que se aproximam de seu enfeixamento, numa dada existência”.

Continuando, de acordo com Durkheim (2014, p. 16), “chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima, e que ela sabia que produziria esse resultado”. Em todas as definições, envolve a complexidade humana, e a decisão de existir ou não nesse mundo, constituindo, na sua etiologia, algo intrigante e desafiador.

Desta maneira, ao longo da história da humanidade o suicídio sempre esteve presente, sua trajetória foi repleta de mudanças, decorrentes dos valores e significados de cada povo (CFP, 2013). De acordo com o que precede, seguem alguns momentos da sua historicidade:

É principalmente a partir de Agostinho de Hipona (séc. V), também chamado por alguns de Santo Agostinho, que a morte de si passa a ter uma conotação pecaminosa. Posteriormente, ainda na Idade Média, passa a ser compreendida como crime, porque lesava os interesses da Coroa: aqueles que se matavam tinham seus bens confiscados pela Coroa, em detrimento de suas famílias, e os cadáveres eram penalizados. Ao final da Idade Média, com a separação entre a Coroa e a Igreja, o poder médico passa a ocupar um lugar privilegiado no controle da sociedade, de maneira que, a partir de então, são os “médicos” que definem a negatividade da morte voluntária, deslocando o fenômeno do pecado à patologia e qualificando-o como loucura (CFP, 2013, p. 16).

A compreensão da morte diante dos fatos históricos se resumia em transgressões, algo como pecado, imoral, que lesava não só as famílias, mas também os interesses da coroa. Não era visto como algo comum. Tirar a própria vida era inaceitável, não correspondia a existência humana, não seguia o fluxo natural da vida. Ao interromper a vida, os destinos dos mortos e de seus familiares eram estigmatizados. Por longos anos perduraram esses olhares, esses pensamentos, e anos após, redirecionou ao fator loucura, apenas os médicos da época poderiam fazer este trabalho, eram os detentores desse saber.

O suicídio perpassou por diversos momentos, e em consonância com a época vigente, não tão longe, a atualidade tem sobre si o peso que este fenômeno ainda traz. Mesmo diante de sua relevância, é considerado um tabu, “um assunto invisível, ausente, sobre o qual preferimos não falar” (TRIGUEIRO, 2015, p. 41). O diálogo sobre essa temática surge a partir de um acontecimento trágico, mas com um grau tímido e silencioso, o medo de falar ainda é considerado um desafio na contemporaneidade.

O suicídio tem suas particularidades, começa por um pensamento até chegar ao ato em si. Compreender a dinâmica de como se formam esses comportamentos suicidas é de grande importância. Cabe ressaltar que segue uma linha de raciocínio, não se faz ao acaso, portanto, sua dinâmica funciona da seguinte forma: “a ideação (pensar seriamente sobre o assunto), os planos suicidas (formulação de um método específico para se matar) e tentativas de suicídio (a pessoa sobrevive)” (BARLOW; DURAND, 2015, p. 264).

Assim sendo, antes de qualquer tentativa, como já visto anteriormente, vem a ideação, que se apresenta como “pensamentos [...] uma contemplação séria do ato” (BARLOW; DURAND, 2015, p. 262). Como referido, parte do princípio de pensar sobre a possibilidade de se suicidar, que é frequente, e a todo momento se faz presente.

Em muitos casos a pessoa comunica de alguma forma sua ideação, através das entrelinhas ou até mesmo explicitando de forma mais clara com os familiares, amigos, no trabalho ou com os seus pares. Em algum momento, manifestam-se os sinais. Corroborando com esse ponto de vista, Cunha et al. (2000, p. 199) enfatiza que “[...] a maioria das vítimas comunica de alguma maneira suas intenções [...]”. Ou seja, é algo que merece toda atenção possível, não pode ser ignorado em momento algum, pois se caracteriza por pensamentos que persistem, insistem, até alcançar o final desejado.

Porém, como tudo na vida parte de um plano, de um ideal, com o suicídio não poderia ser diferente. Existe um planejamento, e a forma como tudo irá acontecer depende de cada pessoa. Portanto, a pessoa se apodera do elemento/objeto de sua preferência, da forma que considera crucial para que seu ato seja efetivado. E os dispositivos utilizados são vários, como afirma Solomon (2014, p. 248),

[...] tais como tomar água fervendo, empurrar cabos de vassoura garganta abaixo, enfiar agulhas de costura no abdome, engolir couro e ferro, pular dentro de vulcões, engolir dinamite, carvões quentes [...], estrangular-se com o próprio cabelo, usar furadeira elétrica para fazer furos no cérebro, andar na neve sem nenhuma roupa protetora, colocar o pescoço num torno mecânico, provocar a própria decapitação, injetar manteiga de amendoim ou maionese no sangue, lançar aviões de bombardeio contra montanhas, aplicar viúvas-negras na pele, afogar-se em tonéis de vinagre, sufocar-se dentro de geladeiras, tomar ácido, engolir fogos de artifícios, aplicar sanguessugas no corpo e estrangular-se com um rosário [...].

Entretanto, os meios utilizados não seguem uma regra ou algo em específico, dependem da forma como a pessoa se vê diante das possibilidades existentes e quais objetos estão a sua disposição. Como supracitado, há uma lista infinita de objetos, dos mais comuns aos mais extravagantes. Tudo que estiver ao redor pode contribuir para seu plano suicida, em prol de que as tentativas sejam realizadas.

Nesse sentido, Cassorla (2018, p. 88) compreende que fatores culturais estão envolvidos no planejamento do ato suicida. Portanto, cabe identificar quanto suas escolhas e seu diferencial.

Por exemplo, na Escandinávia e no Japão, os homens preferem o enforcamento. No município de São Paulo, entre os homens predomina a arma de fogo, seguida do enforcamento e da precipitação de lugares elevados, enquanto entre as mulheres predomina o envenenamento, seguido de precipitação de lugares altos.

Solomon (2014, p. 248) em paralelo com Cassorla (2018), relaciona também a cultura quando apresenta que nos “Estados Unidos, os métodos mais comuns são os óbvios: armas, drogas, enforcar-se e pular de um lugar alto”. Deste modo, não é certo dizer que o planejamento segue igual para todos, muitos fatores estão envolvidos, depende de como cada um compreende seu universo existencial e até onde a margem de segurança se conecta com a linha que o separa da vida e da morte.

Contudo, cabe destacar que em muitos casos o suicídio não se resume a impulsividade, a algo que a qualquer momento possa ser realizado. Ao contrário, exige um planejamento, como dito anteriormente, que encadeia essa trama, há uma organização, um passo a passo de como tudo irá acontecer, premedita-se o fato (CUNHA et al., 2000). Simultaneamente, com toda essa dinâmica precedente, as tentativas se tornam mais reais, aproxima-se da decisão efetiva de parar com a dor, da ambivalência existencial que corresponde o desejo de viver e o desejo de morrer.

Assim sendo, as tentativas suicidas como ditas anteriormente, advêm de situações em que houve uma experimentação, utiliza-se de diversos subsídios, mas que não foram fatais. Emprega-se vários meios, tais como envenenamentos, armas, sufocamentos dentre outros, como apresentados. Cabe advertir que, “[...] para cada suicídio consumado, ocorram entre 10 e 25 tentativas, ou seja, 10 a 25 milhões de tentativas de suicídio por ano no mundo” (CFP, 2013, p. 32). Não se pode ignorar dados como supramencionados, e em muitos casos “[...] tendem a ser recorrentes [...]” (VIDAL; GONTIJO; LIMA, 2012, s/p). Portanto, pode ser um pedido de ajuda, um grito, uma forma de chamar atenção para seu sofrimento (CFP, 2013). Ressalta-se que as tentativas permitem uma aproximação, por repetição, da efetivação do ato em si.

Os comportamentos suicidas entre os gêneros observados por Botega (2015, p. 47) seguem um diferencial, “[...] as taxas de mortalidade por suicídio são 3 a 4 vezes maiores entre

os homens”, e “[...] usam de métodos mais letais [...]” (ibid., p. 102) e sugere-se “que as tentativas de suicídio são consideradas femininas [...] vistas como incapazes de efetivar o ato suicida” (ibid., p. 103). Contudo, nos idosos acima de 70 anos os níveis de suicídio são mais elevados, neste caso, equipara-se tanto em mulheres quanto em homens (BOTEGA, 2015).

Cabe salientar que há uma diferença nítida nesse contexto. Como referido, os homens por sua vez se utilizam de algo mais agressivo, mais efetivo, e as mulheres são consideradas como incapazes na efetivação do ato em si, com tendência a tentar mais que os homens. No entanto, no meio que vivem e na sociedade como todo, é notório que cada um representa um papel, e isso influencia suas atitudes e seus atos frente as suas demandas.

Considera-se que as causas são multifatoriais, o suicídio não escolhe um grupo em específico, espaços sociais, condição financeira, gênero, características ou raças. Envolvem uma série de fenômenos que compõem a complexidade humana e a sociedade como um todo (ZANLUQUI; SEI et al., 2017). E segundo a ABP (2014, p. 10), há “uma complexa interação de fatores psicológicos e biológicos, inclusive genéticos, culturais e socioambientais”. Logo, direcionar o suicídio a uma causa em específico, de antemão, é considerado um pensamento errôneo, pois cabe ao contexto de cada pessoa, sua história de vida e o momento atual.

O fenômeno do suicídio surpreende por seu crescimento. As estatísticas evidenciam um crescimento significativo. Além de exemplificar que as causas são multifatoriais, alguns dados devem ser ressaltados.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) já coloca o suicídio como segunda principal causa de morte de pessoas entre 15 e 29 anos. No Brasil, de 2000 a 2015, os casos aumentaram 65% entre pessoas com idade de 10 a 14 anos e 45% na faixa de 15 a 19 anos - mais do que o aumento na média da população, que foi de 40%. Segundo a mais recente edição do Mapa da Violência (documento realizado com base em dados do Ministério da Saúde), de 2002 para cá, a taxa de suicídio de jovens tem sido consistentemente maior do que a do restante da população, tendo crescido de forma contínua no período pesquisado (DIAS, 2018).

Portanto, os jovens estão se mostrando mais vulneráveis ao suicídio, os elementos identificam números que não param de crescer. Em vista disto, de acordo com o CFP (2013), há uma consideração a ser feita em consonância com Dias (2018), que há um aumento expressivo de jovens, as estatísticas mostram um crescimento significativo nessa população, se sobressaindo as outras faixas etárias.

Como dito anteriormente, o suicídio é multicausal, não compreende apenas um fator em específico para essas faixas etárias citadas acima, como também as demais existentes. Em todos os casos, depende de cada pessoa, da subjetividade e complexidade inerente de cada ser humano.

O médico psiquiatra Menninger (1970), relata que os seres humanos têm uma surpreendente vocação de unir-se a forças externas no ataque contra a si próprio, ou seja, tendência a autodestruição, considerado por ele um dos mais significativos acontecimentos biológicos.

Seguindo o conceito estabelecido por Menninger (1970), através do qual ele afirma que há uma tendência autoagressiva por parte do ser humano a sua existência, ele categorizou o suicídio em 3 (três) tipos: o crônico, focal e orgânico. Em se tratando do suicídio crônico, “o indivíduo adia a morte indefinidamente, à custa de sofrimento e diminuição de função, o que é equivalente a um suicídio parcial – uma “morte em vida” é verdade, mas ainda assim vida” (ibid., 1970, p. 90). Nesse tipo de suicídio, o sofrimento é perpetuado de forma lenta, não se sabe quando a morte chegará, parte de si morre, em um processo onde o ser ainda respira.

Alguns exemplos podem ser utilizados para melhor entendimento, tais como o ascetismo, onde a vida é baseada em constantes renúncias (MENNINGER, 1970), o alcoolismo crônico, que conseqüentemente pode acarretar em uma cirrose do fígado, como também dependência de drogas ilícitas, através da qual os indivíduos tornam-se “mortos-vivos” pelo uso contínuo dessas substâncias (RAMOS, 1974, p.80). O martírio também é considerado uma forma drástica de viver, o indivíduo provoca suas dores, se autoflagela, e há nobreza em suportar este ato (MENNINGER, 1970).

Seguindo, no suicídio focal, a autodestruição é localizada sobre uma determinada parte do corpo. Exemplos disto são “automutilação, simulação de doença, policirurgia compulsiva, certos acidentes inconscientemente propositais que causam ferimento local [...]” (MENNINGER, 1970, p. 207). Refere-se a um tipo de autodestruição meramente localizada, onde o órgão ou a parte do corpo torna-se alvo do ataque destrutivo.

E por último, o suicídio orgânico, “neste caso, a autodestruição é teoricamente representadas por certas doenças físicas” (MENNINGER, 1970, p. 23). Notoriamente percebe-se que se trata de um processo de somatização, no qual estão inseridos fatores emocionais. Este é entendido como autodestruição, pois entende que o ser humano é compreendido como produto de forças físicas, químicas, psicológicas e sociais. Em resumo, a doença orgânica parte do princípio que os fatores psicológicos estão envolvidos e as elas atribuídos (MENNINGER, 1970).

Portanto, o autor ilustra algumas das doenças orgânicas consideradas autodestrutivas

A estenógrafa cujas erupções faciais desaparecem quando seu detestado padrão sai de férias, o estudante colegial cuja dor de cabeça começa sempre na aula de certo professor severo, o advogado que sofre dores insuportáveis no braço direito sempre que se senta à esquerda do sócio mais antigo de seu escritório, a pianista cuja carreira é impedida por um ataque de profusa

transpiração nas mãos pouco antes de cada concerto programado e em nenhuma outra ocasião (MENNINGER, 1970, p. 316).

Essas doenças são ocasionadas por fatores emocionais, que se enquadram em um modo autodestrutivo de experimentação da existência no qual a pessoa se vê doente fisicamente, levando de forma inconsciente a projeção de suas dores emocionais ao corpo, nas mais diversas manifestações. As emoções são contidas e não elaboradas, ocasionando a produção destrutiva do corpo e da mente.

O suicídio é um acontecimento que está presente na humanidade, e que segundo os dados supracitados, cresce a cada ano. Compreende-se que a atualidade é resultado das mudanças que ocorreram ao longo dos anos, e que o século vigente pode estar ou não contribuindo para que essa temática venha a ser tornar mais real a cada dia. Diante disto, sugere-se que o suicídio pode estar sendo potencializado. Nesse sentido, a pós-modernidade e o suicídio seguem em paralelo às mudanças que o sujeito contemporâneo passou e que estão sendo experienciadas em um cenário atual de mudanças e transformações.

3 PÓS-MODERNIDADE E SUICÍDIO

Ao se analisar os acontecimentos presenciados e vivenciados nos tempos atuais, o que se percebe é que tudo está em constante mudança. Nada se torna sólido, há uma constante fluidez, ou seja, tudo se remete a pós-modernidade, ao momento atual. Assim sendo, Fortes (2014, p. 9) ilustra como tudo começou, discorre um pouco da historicidade desse momento:

[...] a pós-modernidade é uma formação social que se origina nos últimos anos do século XIX, dá seus primeiros passos entre os conflitos militares, econômicos e sociais que assustam a primeira metade do século XX, e se estabelece por volta da primeira metade deste século, substituindo a modernidade como a forma dominante de organização social e cultural. Tendências como a globalização, mudanças no poder colonial, o desenvolvimento de novas redes de comunicação e o colapso de crenças e tradições políticas e religiosas no mundo inteiro parecem apontar para uma cultura que rapidamente se tornou diferente daquela experimentada por gerações anteriores.

Portanto, a pós-modernidade surgiu em substituição ao movimento anterior, o da modernidade, onde prevalecia a racionalidade e a cientificidade. Contudo, traz consigo mudanças que prevalecem até a atualidade, com modos e formas não experienciadas por sua antecessora e pelas criações anteriores.

Com essa nova roupagem, tudo se tornou mais evidente. O processo da globalização fomentou grandes possibilidades em todos os contextos, os passos se tornaram rápidos, e a pressa para se chegar a algum lugar se tornou inevitável. Tudo corre em meio a muitas mudanças, nada permanece no mesmo lugar.

A pós-modernidade, como supracitado, é um universo permeado de adventos em todas as áreas. Transformações mundiais aconteceram nas passagens dos séculos que foram cruciais e que afetaram o modo de existir e de viver de cada pessoa e tudo que engloba este ser. Este movimento possibilitou à humanidade o avanço em muitos aspectos como supramencionado, uma metamorfose ocorreu a partir desse momento.

Bauman (2011) traz um novo olhar sobre o movimento pós-moderno na visão do Sociólogo Francês Ehrenberg, que torna claro e compreensível o momento que teria começado. Relata que o fenômeno pós-moderno aconteceu em uma quarta-feira, outono da década de 80, tendo como autora uma mulher chamada Vivienne, considerada pessoa simples na época. Diante de uma multidão de pessoas, esta personagem trouxe à tona sua experiência conjugal, sua intimidade sexual em meio há 6 milhões de telespectadores. Foi nesse movimento considerado por Ehrenberg que começou a revolução pós-moderna. Reflete sobre a personificação da privacidade, personificação da intimidade que agora estava sendo explicitada sem medo e sem tabu. Considera-se que as confissões da época só eram relatadas (quando eram)

apenas para pessoas íntimas ou padres, e que agora estava sendo publicizadas em meio à multidão. Dantes, a possibilidade de alguém (principalmente uma mulher) ir em uma praça falar algo de foro íntimo, era uma mobilização quase que impossível de acontecer. A partir desse momento, a revolução cultural moderna começou (BAUMAN, 2011).

Portanto, não podemos falar de pós-modernidade sem antes entendermos o que antecede esse momento pós-moderno, que venha a ser, a modernidade. Sendo assim, o que é a modernidade? O filósofo Pondé (2011), em uma palestra que traz por título Zygmunt Bauman e a Pós-Modernidade, fornecida no YouTube, explica que a modernidade surgiu mais ou menos por volta do ano 1.500 e o movimento tinha a crença de transformar o mundo pela ciência, como também acreditava na transformação por intermédio da racionalidade. Nesse discurso, Pondé relata algumas figuras importantes da época: Nicolau Copérnico, astrônomo e matemático polaco; Galileu Galilei; físico, matemático, astrônomo e filósofo; e Francis Bacon, político, filósofo e ensaísta inglês. Pondé ainda enfatiza que a modernidade atingiu sua maturidade por volta do século XIX.

Em colaboração ao surgimento da modernidade, Bittar (2008, p. 137) retrata a ideia de que “a pós-modernidade vem sendo construída sobre os escombros da modernidade”. Uma outra contribuição acerca desse momento, Fortes (2014, p. 11) enfatiza a perspectiva de que a modernidade “é vista como um período em que os homens começaram a se perceber de maneira diferente e, especialmente, passaram a se ver, e às suas comunidades, dentro de uma perspectiva de mudança, desenvolvimento, história”.

A modernidade foi um marco na história da humanidade, e que refletiram em muitos aspectos da vida humana e tudo que envolve os aspectos inerentes a este ser. Época que visava um olhar mais para os aspectos práticos da ciência, e da racionalidade como referenciado. Pondé (2011) traz em sua palestra que o fracasso da modernidade foi não cumprir com as utopias que ela prometeu, ou seja, o sonho colorido, a ilusão de um mundo perfeito. De acordo com o que precede, cabe salientar as diferenças pertinentes entre a modernidade e a pós-modernidade.

A diferença entre a modernidade e a pós-modernidade estaria presente na percepção de que na primeira eram as ciências que criavam as verdades e as leis, assim como a idealização de um bem-comum geral. A dialética era reveladora de saber e emancipatória, um conhecimento baseado em justificações metafísicas. Enquanto que na segunda, o saber está marcado pela dúvida, desconstrução, perspectiva, desconfiança, interpretação, não-existência de verdades, suspeitas, construção do conhecimento a partir da problemática (KARASEK, 2010, p. 79).

Enquanto a modernidade tinha como prática a racionalidade, a comprovação exata dos acontecimentos, utilizando-se estritamente da ciência, das leis para fomentar seus discursos e reger a sociedade, em contramão a este fazer e saber, a pós-modernidade trouxe uma forma de liberdade, porém, com um ar de insegurança, de incertezas.

Pela perspectiva de Bauman (2001), a sociedade do século XXI não é menos moderna que aquela do século XX. Porém, está sendo vivenciada de um modo diferente:

[...] a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de “limpar o lugar” em nome de um “novo e aperfeiçoado” “projeto” de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, “reunir” ou “reduzir”, tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro – em nome da produtividade ou da competitividade) (ibid., p. 40).

A sociedade vive um colapso de incertezas, pressão e um constante devir. A competitividade não permite descanso e, nesse sentido, tudo permanece inacabado, sempre necessitando de ajuste e reajuste. Há uma transfiguração de tudo, há uma impulsividade em chegar a algum lugar, sempre buscando algo que não te traz certeza e nem verdade. Nada se torna novo por muito tempo, sempre está sendo criado e recriado em um estado acelerado de mudanças.

Portanto, continuando com as reflexões, a atualidade é percebida de uma forma fluida, onde tudo “[...] escorrem, esvaem-se, respigam, trasbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam. São filtrados, destilados [...]” (BAUMAN, 2001, p. 8). Tudo está em constante transformação, e nada se torna palpável. Se parar para pensar, o que é sólido na pós-modernidade? Essa fluidez, o modo de existir, faz da solidez algo difícil de ser encontrado.

Birman (2012, p. 7) retrata o sujeito contemporâneo:

A contemporaneidade se revela como uma fonte permanente de surpresa para o sujeito, que não consegue se regular nem se antecipar aos acontecimentos, que como turbilhões jorram de maneira disseminada ao seu redor. Onde quase tudo se revela de maneira imprevisível e intempestiva, o efeito mais evidente disso, no sujeito, é a vertigem e a ameaça do abismo. Como o improvável acaba quase sempre por acontecer, subvertendo-nos, isso faz vacilar em nossas certezas.

Há um turbilhão de informações inerentes a época vigente, assim sendo, este sujeito não consegue prever o que poderia ou o que pode acontecer. Uma enxurrada de conteúdos lhe são fornecidos e acessados, tudo se torna imprevisível. E as lacunas existenciais muitas vezes são preenchidas por incertezas e insegurança. O contexto o qual está sendo ilustrado é complexo, pois envolve a condição humana. Sendo assim, o autor percebe que a subjetividade é alterada por esses eventos.

Diante do contexto mencionado,

[...] as mais diversas escalas e dimensões da experiência são permanentemente perpassadas pela surpresa e pelo improvável. Nos registros da economia, da política, das ciências, das artes e da cotidianidade, o sujeito se choca com o imprevisível, que o desorienta. Assim, podemos dizer que, tanto no registro coletivo como no individual, nas escalas local e global, a subjetividade foi virada de ponta-cabeça (BIRMAN, 2012, p. 7).

O autor é enfático quando relata que a subjetividade foi virada de ponta-cabeça. Como se reencontrar, como pode ser definido esse novo sujeito que está vivendo e sobrevivendo desta forma? Seus valores, seus gostos, seus ideais foram substituídos pela liquidez, e pela fluidez dos tempos modernos. Bauman (2001, p. 9) retrata bem quando diz que a fluidez ou a liquidez são utilizadas por ele como representação do momento atual, “quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade”.

Pondé (2011) menciona o posicionamento do filósofo americano do século XIX, Ralph Waldo Emerson, afirmando que, “vivemos como se estivéssemos sobre uma fina casca de gelo; se pararmos ela racha”. Nessa perspectiva, é inevitável que tenha que correr muito rápido para não quebrar a camada de gelo, que em hipótese nenhuma é permitido que pare para um possível descanso. A pós-modernidade define este ser humano como um velocista por assim dizer, e para melhor compreensão, deve estar sempre correndo; se parar, poderá morrer afogado ou congelado. Cabe a reflexão do quanto é ambígua a sua existência.

Nesse processo acelerado da atualidade, as pessoas vivenciam alguns momentos de adoecimento, cada um conforme sua história de vida e vulnerabilidade. Portanto, é curioso entender o que motiva essas pessoas a pensarem, tentarem e definitivamente cometerem o ato suicida, por ser entendido que o suicídio é multifatorial, ou seja, há uma complexidade que foge ao entendimento simplório. Solomon (2014, p. 266) retrata bem quando fala que o suicídio “é uma das coisas mais tristes do mundo”. É evidente que é um acontecimento extremamente doloroso, não se pode mensurar os sentimentos existenciais que envolvem esse fenômeno.

Com as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, considerando o modo de viver de cada pessoa, sugere-se que essas transformações possam ter afetado as condições psíquicas desse sujeito contemporâneo, como também fomentaram algumas condutas que se tornaram nocivas ao homem.

A existência tóxica é uma maneira de viver, uma práxis [...]. a existência quando é tóxica, implica um projeto de morte, ou seja viver se suicidando [...] falamos de aglomeração urbana, da toxicomania, dos vícios socializados, da poluição. Eles constituem o variadíssimo repertório de condutas autodestrutivas francamente psicóticas, que no contexto deste momento histórico de profundo extravio moral, são considerados legitimamente normais (ANGERAMI, 2017, p. 33).

Não se pode generalizar, o mundo moderno trouxe grandes contribuições que fomentaram positivamente muitos aspectos da história. Mas apesar de toda essa evolução mundial, os efeitos dessas transformações respingaram em seu benfeitor, o ônus foi maior que o bônus. Se considerar a maneira como estes vivenciam-se e se organizam para se enquadrar a nova realidade e as novas exigências deste século, pode-se dizer que há um certo grau de toxicidade nesse viver, nessa existência. Em conformidade com Menninger (1970), Angerami

(2017, p. 32) enfatiza que “pertencemos a uma época que já legitimou, culturalmente, condutas autodestrutivas”.

É uma realidade a qual não é possível se opor. Levando em conta que o suicídio advém de múltiplas causas, e que cada pessoa reage ao mesmo problema de forma diferente, não se pode negar a existência tóxica como efeitos colaterais da pós-modernidade.

Portanto, a contemporaneidade trouxe consigo muitos aspectos que potencializaram o modo de existir das pessoas. Um dos frutos desse século XXI são as redes sociais, que estão presentes no cotidiano, e que de alguma forma podem ou não estar influenciando os pensamentos suicidas e suas particularidades.

4 REDES SOCIAIS

Nesse universo tecnológico, as pessoas compartilham informações, estabelecem relações variadas e interesses em comum em um meio universal, o virtual. Ao mesmo tempo, cria-se oportunidade de estender relacionamentos, sem uma classificação *a priori*. O objetivo a ela atribuído é a junção entre as pessoas. É um canal aberto e de fácil acesso, possibilitando uma maior flexibilidade nas relações.

Ferreira (2011, p. 208) elucida que as redes sociais se constituem

Em um contexto social, o intercâmbio de recursos informacionais dá-se por meio das relações que os agentes sociais estabelecem entre si. Os entrelaçados de relações que assim se formam, constituem as redes sociais, através das quais flui a informação.

É uma ferramenta que possibilita adentrar em um universo amplo de possibilidades, com a praticidade e rapidez a que lhe é devida. Na contemporaneidade as redes sociais se tornaram imprescindíveis. Trouxeram muitas possibilidades, fomentaram relacionamentos, aproximaram as pessoas, possibilitaram um maior número de amigos, ampliaram acessibilidade a nível mundial (AMARAL, 2015).

O uso das tecnologias viabilizou o modo de ser em todos os âmbitos da sociedade, justificado pelo grande consumo de produtos virtuais, o fácil manejo e a praticidade de não sair do conforto do seu lar para comprar algo. Ou até mesmo fazer novas amizades, como também manter um relacionamento amoroso no meio virtual. Portanto, “pensar a sociedade contemporânea implica pensar, obrigatoriamente, a intensa relação entre sujeitos e tecnologia” (MARCON; MACHADO; CARVALHO, 2012, s/p).

Estar conectado é viver intensamente a nova realidade mundial. As redes sociais se tornaram uma ferramenta muito utilizada e necessária. O sujeito contemporâneo é o sujeito que vive *on-line*, que vive em busca de novas possibilidades, que permite ampliar em tudo seu modo de estar no mundo. Navega por fronteiras antes desconhecidas e que estão ao alcance das mãos a apenas um clique.

Portanto, a internet possibilitou alcançar diversos patamares. Segundo Ciriaco (2018, s/p) “[...] somos mais de 4 bilhões de pessoas conectadas à rede, enquanto as estimativas mais recentes apontam para uma população global de 7,6 bilhões de seres humanos”. Especificamente sobre as redes sociais, o acesso corresponde há “cerca de 3,2 bilhões de pessoas (42% de todo mundo)” (ibid., s/p). Sua ascensão é visível e de caráter mundial. Houve uma generalização dessa ferramenta, tornando-a algo que não se pode mais ser revertido, não existe a possibilidade que se torne obsoleta. Os acessos se tornaram contínuos e não param de

crescer, ou seja, é considerada mundialmente uma ferramenta poderosa na atualidade em todos os âmbitos da sociedade (BIBLIOTECA INTEGRADA, 2010).

Os autores Marcon, Machado e Carvalho (2012, s/p) confirmam que as redes sociais estão “cada vez mais incorporadas ao cotidiano dos sujeitos”. Em paralelo a este pensamento, Ferreira Filho, Nascimento e Sá (2012) enfatizam que as redes sociais estão no cotidiano das pessoas, pois são fruto das mudanças ao longo da história, é um fenômeno inerente a contemporaneidade. As redes intensificaram a comunicação por meio virtual, tornando-a mais prática aos respectivos usuários. A tecnologia potencializou este contexto, “as redes sociais permitem construir um intenso processo de comunicação [...]” (MARCON; MACHADO; CARVALHO, 2012, s/p).

Assim sendo, como tudo que permeiam as redes sociais, estão sujeitas a serem influenciadas e modificadas por este meio. Nesse sentido, as relações humanas não ficam de fora, ou seja, “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves” (BAUMAN, 2004, p. 83).

Os laços sociais se desfazem com muita rapidez. As pessoas estão conectadas o tempo todo, a todo momento uma amizade surge e ressurge de algum lugar no mundo. O viver virtual se tornou um conglomerado humano. Apesar da intensidade momentânea nas relações, as possibilidades de solidez são quase inexistentes, pois são rompidas com muita facilidade.

Debord (2003, p. 13) faz uma reflexão do que está sendo vivenciado na atualidade, “toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação”. Na sua teoria, tudo se resume a um completo show. Não há o real, apenas representações, performance de uma vida inautêntica.

Há uma nova forma de ser no mundo, representado pelas imagens, “onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico” (DEBORD, 2003, p. 19). A Sociedade apresenta-se como supostamente divertida, com muitas atrações, encenações, composta por protagonistas, antagonistas e figurantes, formando um grande teatro, assistido e presenciado por uma plateia encantada pelo que se apresenta. Fotos, imagens e vídeos ilustrando uma forma de viver irreal, porém, os motivam a querer permanecer dessa forma e a reproduzir o que se ouve, e o que se vê, completamente seduzidos pelo show que se mostra.

Nesse sentindo, como supramencionado, o que se experiencia foge do real. Há uma linha tênue nesse viver. Segundo Amaral (2015, p. 482)

[...] percebemos que a vida real apresentada no Facebook é mascarada pela presença de uma personagem em busca de destaque diante dos demais participantes. Assim, essa personagem pode empregar duas linhas de atuação.

A primeira linha é marcada pela espetacularização do sucesso, que consiste no usuário da rede social que só partilha com seus interlocutores os bons momentos de sua vida, da mesma forma que seus textos sempre são marcados por mensagens positivas dando a entender que sua vida é um verdadeiro mar de rosas, mesmo que as pessoas próximas saibam que essa exposição virtual não condiz com a verdade. Já a segunda linha traz o usuário que se vende como um coitado, perseguido e sem sorte.

O que se apresenta não é uma vida autêntica, genuína. Corroborando com Debord (2003), Amaral (2015) frisa o termo espetacularização, há uma manifestação pública do que se quer ser, mas não o que está sendo, o real. O que se pretende é mostrar uma história maravilhosa, bem-sucedida, cheia de possibilidades, ou seja, uma vida ideal, perfeita. Em contrapartida, tem-se o outro lado desse mundo, uma situação de vulnerabilidade, de vítima, de sofrimento. É um universo onde tudo pode, onde tudo é permitido, menos ser quem é de verdade. Há um exibicionismo exacerbado de imagens, de situações que vincula por todos os meios, e que influencia o modo de ser de quem está como espectadores, e de quem o faz.

O sujeito contemporâneo não percebe o quanto está vulnerável. Não há limites quando se referem a exposição em redes sociais. Sejam por fotos, vídeos, imagens ou textos, o dia a dia está se transformando em um completo show. Não há a possibilidade de que a simplicidade venha a resistir ao novo modo de viver, sua intimidade precisa ser compartilhada, tudo tem que ser mostrado para milhões e milhões de usuários. O viver se tornou um grande espetáculo (AMARAL, 2015).

5 METODOLOGIA

5.1 DESENHO DO ESTUDO

- **Quanto à finalidade metodológica**

Este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza **aplicada**, que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35). Portanto, através dos conhecimentos adquiridos pelo percurso teórico, a metodologia e os resultados desta pesquisa, fomentaram a resolução do problema proposto.

Tem essa finalidade por se constituir de um estudo com pessoas que vivenciaram ou estão vivenciando os pensamentos que envolvem a ideação suicida, enfatizando o percurso do privado para a publicização nas redes sociais. Portanto, o objetivo foi gerar conhecimento e possíveis soluções para que novas possibilidades surjam, como também novas estratégias sejam utilizadas em prol da prevenção e cuidado.

- **Quanto a Natureza/Abordagem da Pesquisa**

É uma pesquisa que se caracteriza por uma abordagem **qualitativa**, onde “o pesquisador se propõe a participar, a compreender e a interpretar as informações” (CAMPOS, 2015, p. 57). Tem essa finalidade por entender que cabe ao pesquisador responsável a interpretação dos fatos através da fala dos sujeitos. Os discursos dos pesquisados, que sejam de ideação suicida de modo privado ou público, foram fonte de informação para coleta de dados para a pesquisa.

- **Quanto ao Objetivo Metodológico**

O objetivo tem caráter **exploratório**, ou seja, “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipótese” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35). Tem essa finalidade por permitir explorar os conteúdos e técnicas estabelecidas, com intuito de descobrir mais informações que ainda não foram acionadas.

- **Quanto ao Procedimento Metodológico**

É uma **pesquisa de campo**, ou seja, “consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para posteriores análises” (RUIZ, 1986, p. 50). Portanto, tem essa finalidade por compreender que

seus conteúdos são construídos a partir da prática, no momento que os fenômenos ocorrem. Baseado na realidade, todos os dados trabalhados correspondem ao processo da pesquisa, foram coletados a partir desse princípio.

5.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Serviço Escola de Psicologia do CEULP/ULBRA – SEPSI. Foram selecionados casos de clientes atendidos entre 2015/1 e 2018/1 nos quais houve relato de ideação suicida durante os atendimentos. Os encontros aconteceram em data específica - 01/03/2019. A participante Maria foi entrevistada na sala 213, das 12 às 13 horas, a participante Sandra foi entrevistada na sala 220 das 13 às 14 horas, ambas numa segunda-feira, e ficou organizado conforme a disponibilidade de cada sujeito da pesquisa, sendo necessário apenas 1 (um) encontro por cliente. O local escolhido é de caráter clínico, o que facilitou a pesquisa por já estarem familiarizados com o ambiente. O intuito foi proporcionar um momento no qual se sentissem acolhidos e protegidos pelo sigilo. Esta pesquisa aconteceu no primeiro semestre de 2019/1.

5.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O universo desta pesquisa corresponde a clientes atendidos no Serviço Escola de Psicologia do CEULP/ULBRA – SEPSI que já passaram pelo processo de ideação suicida, e que residiam em Palmas – TO. Porém, dentro deste universo, não foi possível encontrar clientes que residissem em Palmas – TO e que tivessem publicado na rede social sua ideação suicida, sendo esses critérios de inclusão. Então, uma das participantes selecionadas reside em Miracema – TO. A amostra compreendeu pessoas de ambos os sexos, com restrições quanto a idade dos sujeitos, pois foram aceitos somente a partir dos 18 anos. Contudo, só foi realizada, após os respectivos sujeitos terem demonstrado interesse em participar, com as respectivas assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A). Portanto, a quantidade de pessoas que participaram da entrevista corresponde a duas clientes do sexo feminino, uma com ideação suicida de maneira privada e a outra com ideação suicida publicizada nas redes sociais, e que foram atendidas no SEPSI. Portanto, a amostra foi por conveniência, pois consistiu “em selecionar uma amostra da população que seja acessível” (OCHOA, 2015, s/p), ou seja, a que estava disponível no momento para realização da pesquisa.

Para agilizar o processo, em vez de procurar nas pastas, a coordenadora do SEPSI se dispôs a compartilhar as informações no grupo do WhatsApp que é reservado apenas aos alunos

e coordenadores envolvidos no estágio em ênfase clínica que acontece no SEPSI. Deste modo, todas as informações pertinentes ao presente estudo foram compartilhadas no grupo de estagiárias(os) que fazem atendimentos em clínica no SEPSI, chamando atenção para quem já atendeu ou atende clientes com essas características. Logo após a publicação no WhatsApp, algumas estagiárias se manifestaram por estarem atendendo esta demanda em específico. Diante das pastas de alguns clientes, se deu a escolha da amostra. A coordenação fez o contato inicial, após, passou para acadêmica-pesquisadora, que fez o contato novamente e marcou a entrevista, ressaltando que não houve desistência por parte das participantes contatadas.

5.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão se deram pelo fato da pessoa já ter publicizado o percurso suicida em alguma rede social, como também o percurso de forma privada, serem maiores de 18 anos (dezoito) anos e que demonstraram interesse e disponibilidade em participar desta pesquisa. Como critério de exclusão, foi não haver descontinuidade da entrevista.

5.5 VARIÁVEIS

As variáveis foram divididas em três grupos. O primeiro grupo referiu -se ao perfil dos participantes com as seguintes variáveis: idade, sexo, estado civil, religião, cor, gênero, biotipo e situação ocupacional.

O segundo grupo compreendeu as variáveis relacionadas as redes sociais: a importância da rede social, interesse em expor a ideação suicida, aspectos envolvidos nesta publicação, a decisão de tornar pública a ideação suicida, escolha da rede social, quantidade de postagens, frequência, perfil diferenciado dos que agem no âmbito privado e direcionamento das postagens (uma pessoa, grupo ou geral).

E o terceiro grupo envolveu as variáveis relacionadas ao histórico sobre ideação suicida: quando surgiu o primeiro pensamento, se é recorrente, quais mecanismos de enfrentamento, como se veem nessa situação.

5.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, REGISTRO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A entrevista foi realizada por intermédio de questionário semiestruturado. Este instrumento segue uma estrutura parcialmente padronizada, por se tratar de uma entrevista

flexível (perguntas abertas). Ou seja, tem-se a liberdade de que questões surjam além das existentes, se consideradas relevantes no processo da entrevista, para melhor esclarecimento dos assuntos pertinentes a pesquisa (caso seja necessário) (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Os materiais que serviram de apoio foram uma prancheta, folhas e canetas para anotações. Ressalta-se que as entrevistas foram gravadas pela acadêmica-pesquisadora. A qualidade nas anotações por esse veículo possibilitou uma melhor compreensão do ocorrido. A pesquisadora elaborou as questões pertinentes ao questionário semiestruturado, que estão disponíveis no Apêndice B. Como guia de preparação, foram coletados dados da hipótese do trabalho. Em caráter de preservação dos conteúdos do instrumento, não foram divulgadas as informações contidas no questionário para as participantes, apenas quando ocorreram as entrevistas.

Ressalta-se que a entrevista se deu em um prazo considerável de duração, seguindo o que concerne a uma entrevista clínica, com tempo de 50 (cinquenta) minutos. Porém, uma das participantes a fez em 45 minutos. Houve a flexibilidade nessa estimativa, pois se trata de fenômenos psíquicos e a forma como cada cliente respondeu não foi necessário a extensão desse tempo. Portanto, foi realizada uma análise qualitativa, pois a acadêmica-pesquisadora estava participando, compreendendo e interpretando as informações inerentes ao que foi observado (CAMPOS, 2015).

Para análise das respostas ao questionário semiestruturado, utilizou-se da psicologia discursiva da análise do discurso. De acordo com Valentim (2018, p. 222), esse “método de análise envolve a coleta de um conjunto de materiais textuais ou conversacionais, de preferência espontâneos, isto é, que ocorreram em situações ordinárias, sem os mecanismos de controle do laboratório”.

Na psicologia do discurso, os autores Potter e Wetherell (1987), citados por Rasesa (2013), retratam 10 (dez) etapas na análise do discurso, que por sua vez não são obrigatoriamente sequenciais. Segue a descrição:

1) Questões de pesquisa - relacionado ao que vai ser construído para ser analisado, ou seja, do que quer explorar. Nesta pesquisa, os conteúdos a serem investigados foram pertencentes a suicídio e redes sociais.

2) A seleção do material - os instrumentos a serem utilizados dependem das questões da pesquisa, se vai ser uma entrevista ou mais, a depender do que estiver disponível. Portanto, foi realizada apenas uma entrevista, o material foi construído pela acadêmica-pesquisadora: questionário semiestruturado e a escolha da amostra.

- 3) Coleta de registros de documentos - referente ao embasamento teórico para construção da pesquisa. Foram coletados diversos materiais que correspondiam ao tema proposto e que deram suporte para que a pesquisa fosse realizada.
- 4) As entrevistas - os dados foram coletados por intermédio de um instrumento que serviu como ponte para compreensão e análise do que está sendo levantado pelos entrevistados, sendo realizados por meio de trocas conversacionais. Nesta pesquisa, as entrevistas foram realizadas por intermédio de um questionário semiestruturado, em apenas 1 (um) encontro por participante.
- 5) Transcrição - refere-se a forma como vai ser reproduzido os discursos, pois foram gravadas as falas, ouvidas cuidadosamente, e posteriormente manuscritas.
- 6) Codificação - é a sistematização de temas em comum. Ou seja, nesta pesquisa se deu de forma direta, pois já estavam categorizados nos objetivos da pesquisa.
- 7) Análise - envolve todo o processo de cuidado das leituras, e nas modulações que estão sendo apresentadas nos discursos, tendo como suporte a este fazer, o referencial teórico. Nesta pesquisa, os dados foram analisados respeitando todas as etapas supramencionadas.
- 8) Validação das interpretações analíticas - ou seja, a coerência do que está sendo exposto pelas entrevistadas e as interpretações, pois, nesta pesquisa foram analisadas cuidadosamente o que concerne a realidade do que estava sendo apresentado e as interpretações.
- 9) Relato da pesquisa - envolve os processos apresentados nesta pesquisa e que através deste o leitor poderá fazer suas interpretações.
- 10) Aplicação - se trata dos resultados obtidos, e que através destes podem estar beneficiando as pessoas que vivenciam a ideação suicida e a sociedade de modo geral.

No caso da presente pesquisa, a primeira etapa para a análise do discurso foi feita a partir da transcrição das respostas ao questionário das duas participantes da pesquisa.

5.7 ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de seres humanos, a pesquisa foi respaldada pelo Código de Ética do profissional psicólogo, garantindo assim todo o cuidado a que lhe é devido. Começou após duas tentativas de aprovação pelo Sistema CEP – Comitês de Ética em Pesquisa e CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, como também o cadastro na Plataforma Brasil. Foi assinado o TCLE (Apêndice A), houve a leitura do mesmo, tirando todas as dúvidas das participantes da pesquisa, até ficar claro todos os procedimentos. Passou por todos os trâmites legais inerentes a pesquisa com humanos, sendo aprovado pelo CEP, para então poder ser

iniciado. A instituição envolvida nesse processo é o Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), em conjunto com o CEP.

O primeiro contato com as participantes ocorreu via telefone. Buscou-se por meio deste o interesse ou não de participar deste projeto, sendo realizada em uma das salas do Serviço Escola de Psicologia – SEPSI. Todas as informações pertinentes à pesquisa, como os direitos e deveres do pesquisador e pesquisados foram ilustrados, explorando qualquer dúvida a respeito. Após a aceitação, o segundo contato se deu pessoalmente, nas dependências do prédio supracitado. Ressalta-se que esta forma de contato permitiu melhor compreensão do que foi trabalhado, como também permitiu esclarecer as inseguranças pertinentes de cada participante.

Portanto, coube a acadêmica-pesquisadora elucidar às participantes como esta pesquisa funciona, explanando seu objetivo como também a sua relevância. Todas as despesas foram de total responsabilidade da pesquisadora, esclarecendo as participantes a isenção de quaisquer custos. Portanto, não houve ressarcimento de despesas.

A pesquisa foi realizada em absoluto respeito, conforme a especificidade de cada participante. Por se tratar de seres humanos, muitos fatores estão envolvidos: os biológicos, os psicológicos e os sociais. Nesse sentido, enfatizou-se a proteção e o cuidado a que lhes é devido (as participantes da pesquisa), juntamente com o sigilo a todas as informações obtidas por parte dos sujeitos da pesquisa e a preservação da identidade. Os clientes que participaram demonstraram interesse, sem coerção, de livre e espontânea vontade. Não ocorreu nenhuma desistência no decorrer do processo.

A entrevista foi realizada por intermédio de um questionário semiestruturado, e teve o uso de um gravador, e em seguida, transportado para um computador, e posteriormente em CDs. Sendo preservados por este meio, estão guardados na coordenação do curso de Psicologia por um período equivalente de 5 (anos). Os resultados da pesquisa, caso queiram (participantes), estão disponíveis, enfatizando o respeito a cada participante, e sua subjetividade, como também o comprometimento em ter realizado uma pesquisa de cunho estritamente científico.

5.7.1 Riscos

Por se tratar de clientes que já tiveram crises de ideação suicida, os riscos estavam relacionados a reincidência desses pensamentos, sugerindo que esta entrevista poderia ser um gatilho de algo que estava adormecido e que não foi totalmente superado. Portanto, o cuidado foi extremo. Ressalta-se que os clientes já foram atendidos e seu caso já é conhecido, isso favoreceu o acolhimento, e por ser recorrente esta demanda de ideação e tentativas de suicídio atendidos neste recinto, de certa forma estão familiarizados com o processo.

Deste modo, já existe um suporte e entendimento do que possa ocorrer. Destaca-se que toda a rede de apoio foi prevista essa possibilidade e informado as participantes: família, médico psiquiatra, e psicólogo (pessoal). Os contatos dessa rede de apoio foram colhidos pela acadêmica-pesquisadora previamente, caso necessitassem mobilizá-los.

Os profissionais que atuam no SEPSI estão qualificados para atenderem os clientes em momentos de crises, inquietações, ansiedade e dentre outros sintomas pertinentes a vivência de cada sujeito, ou algo novo que poderia ter ocorrido no decorrer da entrevista. Deve-se considerar que estão gabaritados para realizar atendimentos de emergência, caso necessitassem.

A acadêmica-pesquisadora se comprometeu a acompanhar até a resolução final da entrevista, caso precisassem de atendimento psicológico estava disponível todo o respaldo necessário, uma assistência integral e imediata. Contudo, os gastos referentes a esta pesquisa foram de total responsabilidade da pesquisadora acadêmica.

5.7.2 Benefícios

Essa entrevista permitiu adentrar neste universo pelo olhar do cliente, de forma direta e imediata, o que proporcionou melhor entendimento dos fenômenos que permeiam seus pensamentos. Com os resultados da pesquisa, muitos poderão ser beneficiados de forma indireta, ou seja, os dados obtidos fomentarão possíveis estudos, a quem se interessar. Por se tratar de um fenômeno que ainda sofre tabus, ter mais informações auxiliará na superação dessa perspectiva.

5.7.3 Desfechos

5.7.3.1 Desfecho primário

Identificação dos fatores que motivam a mudança do percurso da ideação suicida do âmbito privado para as redes sociais.

5.7.3.2 Desfecho secundário

Promover discussões e reflexões acerca do percurso da ideação suicida do privado para publicização, ampliar conhecimento teórico, e contribuir para possíveis estudos sobre esta temática, como também o empoderamento dos respectivos participantes.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho teve como finalidade identificar os fatores que motivam as pessoas a mudar o percurso da ideação suicida de maneira privada ou particular para a sua publicação nas redes sociais. Esta pesquisa foi realizada através de um questionário semiestruturado aplicado a duas participantes, com duração de 45 (quarenta e cinco) a 50 (cinquenta) minutos.

As participantes foram receptivas e estavam abertas para o processo, demonstraram bastante interesse, pois conhecem a relevância de uma pesquisa científica (são estudantes). Compreendem que seus conteúdos sofrem tabus e entendem que através de suas vivências podem alcançar pessoas que estão vivenciando essas demandas, como também uma forma de alertar a sociedade de modo geral.

As participantes tiveram suas identidades preservadas, sendo utilizados nomes fictícios para sua identificação, a saber, Maria e Sandra. Na Tabela 01 os dados das participantes foram detalhados, obedecendo o que fora proposto no critério de inclusão, maiores de 18 anos e com as respectivas características: que tenham publicizado o percurso da ideação suicida nas redes sociais, assim como o percurso de ideação suicida de forma privada, e o interesse em participar da pesquisa.

Tabela 1: Dados pessoais das participantes da pesquisa.

Dados das Participantes da Pesquisa						
Participantes	Idade	Estado civil	Religião	Cor	Gênero	Ocupação atual
Maria	25	Namorando	Católica	Preta	Feminino	Estudante
Sandra	24	Namorando	Católica	Parda	Feminino	Estudante e recepcionista

Fonte: Produção própria (2019).

Portanto, para melhor entender como cada participante vivencia sua realidade, os conteúdos foram divididos em 3 (três) temas, a saber: o percurso de história de vida diferenciado da ideação privada ou particular para a ideação pública; a importância das redes sociais, e por último, o diferencial e o perfil da participante que publica e o da participante que age de forma isolada.

6.1 O percurso de história de vida diferenciado da ideação privada ou particular para a ideação pública

A participante Maria tem 25 anos, atualmente está namorando e essa relação é descrita como boa, seu parceiro demonstra cuidado e preocupação com sua vida. É católica, porém, não praticante; há alguns anos deixou de frequentar a igreja e no momento só estuda. Começou a fazer psicoterapia no SEPSI em 2017, por motivo de ideação suicida e desde então continua com a psicoterapia nesta instituição, fazendo uso de medicamentos (lítio e rivotril). Cabe ressaltar que a Maria faz questionamentos quantos aos remédios, diz que não estão sendo eficazes, que os sintomas continuam (da depressão, ansiedade e ideação suicida) e que manchas roxas em seu corpo dizem respeito ao uso contínuo de lítio.

Sandra tem 24 anos. A participante relatou que seu atual relacionamento é abusivo e que talvez terminaria por não suportar mais essa situação. É católica, estava frequentando a igreja, mas, atualmente, não é praticante. Trabalha como recepcionista e estuda. Iniciou a psicoterapia no SEPSI em 2015. Os motivos foram por não aceitar seu corpo – apesar de ter emagrecido 20kg, a forma como se vê ainda é de uma pessoa gorda, e ter tido um relacionamento abusivo. Passou um tempo sem psicoterapia, no momento está sendo acompanhada nesta instituição e não faz uso de remédios psiquiátricos.

Ambas não sabem dizer exatamente quando começaram a ter pensamentos de ideação suicida, mas conseguem fazer uma estimativa

Eu não sei te falar quando surgiu o primeiro, mais ou menos por volta dos 17 e 18 anos. Porque antes não pensava em suicidar, pensava em desaparecer(Maria).*

*Quando surgiu exato não vou saber dizer, mas eu sei que eu vi quando esse pensamento podia ser um problema, foi quando eu me encontrava bem cansada, bem exausta de lutar contra as coisas, e o que seria importante para mim. Onde eu via todo o universo feliz e eu não, eu acordava cansada, dormia cansada, cansada fisicamente, e psicologicamente. Acho que muito mais psicologicamente do que fisicamente. Porque eu vi que aquele pensamento de uma ideologia não se afastava, percebi isso há mais ou menos de uns dois anos pra cá. Foi mais presente no ano passado (2018). Esse ano (2019) tive alguns pensamentos, mas não era como estava antes *(Sandra).*

Maria e Sandra não têm histórico de ideação suicida na família que seja conhecido por elas. Sandra relatou que não conhece a história da família e por esse motivo não sabe dizer se em algum momento houve alguém com essa característica.

Sobre a ideação suicida que as participantes vivenciam, os autores Barlow e Durand (2015) explicam que são pensamentos extremamente significativos, ou seja, uma contemplação séria sobre o assunto, concomitantemente, uma formulação perigosa em forma de pensamento, considerados pelos profissionais de saúde como algo de extrema preocupação.

*As respostas foram descritas na íntegra, conforme os discursos das participantes.

Ambas convivem com esses pensamentos, que de forma recorrente se fazem presentes em suas vidas em menor ou em maior grau, o que torna a situação extremamente preocupante. Sobre a ideação ser recorrente em suas vidas, as participantes relatam o que seguem:

Sim, as vezes em maior grau, as vezes em menor grau, depende muito do acontecido, ou se eu ficar ansiosa, ou alguma crise de pânico. Tem sempre um estopim. Quando não há uma causa, não penso muito, mas quando estou naquele estado de tristeza, quando estou muito tempo parada, ociosa, eu penso muito nisso, mas eu tento me ocupar o máximo possível (Maria).

Atualmente sim. Mas em menor grau. Os pensamentos são assim, eu penso e logo critico eles e não deixo eles fluírem, mas por exemplo, eu cheguei a pensar como seria, o que eu poderia fazer, eu só penso que talvez seria bom. Então, acho que hoje é menor (Sandra).

Maria oscila na intensidade desses pensamentos suicidas, depende muito de como se encontra, quais sentimentos estão aflorando, tendo essas situações como termômetro para seus pensamentos.

Já Sandra diz que seus pensamentos hoje são considerados em menor grau, comparando-os aos anteriores. No entanto, já houve um planejamento, identificado quando disse: “*eu cheguei a pensar como seria*”. É relevante destacar que os sinais que a Sandra compartilhou servem de alerta pois o suicídio, como tudo na vida, segue uma linha de raciocínio, não se faz ao acaso, portanto, sua dinâmica funciona da seguinte forma: “a ideação (pensar seriamente sobre o assunto), os planos suicidas (formulação de um método específico para se matar) e tentativas de suicídio (a pessoa sobrevive)” (BARLOW; DURAND, 2015, p. 264).

Aproveitando o que fora supracitado, ressaltando que há uma organização *a priori*, um passo a passo de como tudo irá acontecer, premedita-se o fato (CUNHA et al., 2000). Ou seja, em muitos casos o suicídio não se resume a impulsividade, que a qualquer momento possa ser realizado; é algo intencional que pode ser planejado.

Em complementação a esse pensamento, Solomon (2014) explica que os dispositivos utilizados são vários. Nesse sentido, quando Sandra diz que chegou a pensar como seria, pode-se inferir que idealizou algum meio, e seu relato confirma essa teoria “*eu cheguei a pensar como seria, o que eu poderia fazer*”, pois imaginou que seria bom se acontecesse de fato, o que aumenta a vigilância desses pensamentos e o possível planejamento.

Aproveitando o que fora citado, no tema subsequente sobre o interesse em publicar a ideação, Maria traz essa fala: “*eu fechava o olho eu me via me suicidando de todas as formas absurdas*”. As possibilidades são amplas, desde um método mais simples ao mais complexos. Apesar das participantes não terem relatado quais seriam os procedimentos, chegaram a pensar nessa possibilidade de como poderia ser.

Entretanto, apesar dos métodos serem diferentes, há semelhanças quando não aceitam simplesmente os pensamentos de ideação suicida, uma e outra tentam desviar esses pensamentos, pois os mecanismos utilizados são o de se ocupar ou criticá-los. Procuram as ferramentas que as mesmas consideram eficientes naquele momento e que já se utilizaram e foram eficazes.

Em vista disto, os mecanismos utilizados para o enfrentamento são:

Primeiro foi a terapia, depois a medicação, terapia holística, fiz hipnose (...). Estou utilizando essas ferramentas para tentar diminuir a ideação suicida, e tem diminuído bastante (Maria).

Eu tento meio que criticar os pensamentos, essa crítica seria assim: é tipo, é bobeira, se eu fizesse e não conseguisse êxito? E se não der certo? De alguma forma as pessoas vão saber. Utilizo também a psicoterapia e não tenho acompanhamento psiquiátrico (Sandra).

Os enfrentamentos variam para cada participante. Maria se utiliza de diversos recursos, tem-se mobilizado em prol da diminuição de sua ideação. Sandra por sua vez, procura criticá-los em conjunto com a terapia, sem o uso de remédios. Ambas relatam que esses procedimentos estão ajudando na diminuição dos pensamentos suicidas. Porém, Maria faz questionamentos quanto aos medicamentos, pois diz que não estão fazendo efeito como esperado e seus sintomas inerentes aos pensamentos continuam do mesmo jeito, pouco eficazes.

Nesse sentido, foi elucidado como se veem nessa situação, em estar constantemente envoltas aos pensamentos suicidas.

Hummmm, difícil (sorriu). Porque às vezes eu acho que é a única forma, é tipo, quem convive comigo consegue perceber quando estou bem ou mal. Eu começo expressar que essa é a única forma, eu começo falar de suicídio pra pessoas da forma que gostaria de acabar com minha vida, e o que estou pensando, é tipo, não é muito aceita esta questão. Então, é muito difícil pra mim e para as pessoas que estão do meu lado ter uma pessoa como eu, penso muito e calada, e isso preocupa muito as pessoas. Porque eu sou um tipo de pessoa que eu estou rindo com todo mundo, passa alguns minutos, e como diz a psicóloga que me acompanhou em meu campus, ela diz que eu sou um tipo de suicida que tá rindo aqui e as pessoas vira as costas, tira vida e se mata. Não é aquela pessoa que anda triste o tempo todo, e isso as vezes assusta muito as pessoas. Hummmm, me vejo um fracasso! (Maria).

Maria consegue conversar no seu ambiente com as pessoas e expressa seus pensamentos acerca do suicídio. Em conformidade com essa narrativa, Trigueiro (2015) explica que o suicídio vem de um histórico de segredos, invisibilidades e tabus, em que não se fala e não se ouve falar sobre. Assim sendo, é positivo que Maria tenha esse comportamento, pois ao falar sobre, pode ser desmitificado. Porém, a Maria considera que é ruim ter alguém como ela do lado e que a psicóloga do seu campo de estágio já sugeriu que tem um perfil de suicida que chega a enganar as pessoas ao seu redor; ao mesmo tempo que está sorrindo, pode cometer suicídio. Diante do que fora supracitado, resumiu como se vê nessa situação: “*me vejo um fracasso!*”.

Sandra tem receio que tudo se concretize, que os pensamentos cheguem as vias de fato; essa é sua maior inquietude.

Eu sempre disse quando esses pensamentos surgiram, que eu me sinto muito vulnerável. Tenho medo que essa situação possa chegar e eu não tenho controle disso. Então, eu me sinto vulnerável. Qualquer hora alguma coisa pode acontecer ou não, então eu me sinto, me vejo instável e vulnerável a qualquer situação (Sandra).

Sua preocupação é extremamente congruente, pois cabe advertir que, “[...] para cada suicídio consumado, ocorram entre 10 e 25 tentativas, ou seja, 10 a 25 milhões de tentativas de suicídio por ano no mundo” (CFP, 2013, p. 32). Não se pode ignorar dados como os supramencionados, e em muitos casos “[...] tendem a ser recorrentes [...]” (VIDAL; GONTIJO; LIMA, 2012, s/p). As estatísticas comprovam fatos preocupantes sobre tentativas de suicídios e que advém sempre de pensamentos recorrentes até que se tornem reais. Sandra demonstra apreensão a respeito, o que é pertinente, como dito, “*me vejo instável e vulnerável a qualquer situação*”, é passível que possa ocorrer em algum momento em sua vida.

Importante ressaltar que mesmo diante do quadro que se apresenta anteriormente, a Maria tem consciência de sua estrutura, ao relatar seu biotipo, não teve dificuldades, foi espontânea.

Bom, meu corpo tem uma estrutura óssea larga, que é de acordo com minha cor preta. Hum, acho que é isso (Maria).

Em contrapartida, Sandra se percebe dessa forma:

Vejo meu corpo grande, gordo. É assim que me sinto quando olho para o espelho, pra dizer a verdade, eu praticamente não me olho no espelho, nunca gostei, mas quando paro uma vez ou outra pra olhar é essa ideia que eu tenho. Me vejo gorda, tive um processo de emagrecimento de 20 kg, apesar de ter emagrecido ainda me vejo gorda, passei muito tempo sem comer na época, até hoje eu tento voltar ao hábito de não comer e voltar a vomitar (Sandra).

Houve um emagrecimento considerável (20kg), porém, continua a se sentir gorda. É uma percepção que a acompanha desde seu emagrecimento, apesar de estar magra, a forma como se vê ainda é de uma pessoa gorda.

Em seu discurso, Sandra traz uma alusão ao seu corpo, mas, com negatividade. Além de entender que a autoestima foi afetada, e nesse caso não tem como anular que a subjetividade também. Concomitantemente, muitos fatores podem estar envolvidos, a depender de suas vivências. Nesse sentido, o autor Birman (2012) faz uma reflexão acerca da atualidade, de como esse sujeito contemporâneo se faz presente, e é bem enfático quando relata que a subjetividade foi virada de ponta-cabeça.

Como a participante se vê reflete muito no seu dia a dia, sendo este o motivo de iniciar a psicoterapia em 2015, e continua a perpetuar esse pensamento distorcido da realidade, o qual

está influenciando o modo de ser da Sandra no mundo. Nesse sentido, entende-se que questões sobre autoestima se fazem presentes na vida das participantes.

6.2 A importância das redes sociais

Marcon, Machado e Carvalho (2012) compartilham do mesmo pensamento dos autores Ferreira Filho, Nascimento e Sá (2012) quando confirmam que as redes sociais estão inseridas no dia a dia das pessoas. Nesse sentido, cabe elucidar a importância das redes sociais na vida das participantes da pesquisa.

Às vezes não acho que tenha muita importância. Já teve um tempo que eu todos os dias estava em todas as redes sociais o tempo todo. Eu passava, acho que virava a noite no Facebook, Instagram e WhatsApp vendo várias coisas que ajudava e que também piorava a situação, como os grupos que existem em Facebook sobre esta questão de suicídio, depressão, ansiedade. Eu percebo que as redes sociais é muito boa até um certo momento. Mas chega um momento que você extrapola. Você vê muita gente feliz e quando você coloca algum sentimento triste é difícil para as pessoas, nem todos estão preparados pra ouvir nada que seja ao contrário do que deveria estar na rede social. Eu procurei inicialmente as redes sociais como um passa tempo, como eu não conseguia dormir passava muito tempo olhando as coisas sobre questões do suicídio e tal. Às vezes por não conseguir dormir, não conseguir pensar em nada, eu escrevia o que eu estava sentindo. Na rede social escrevia muitos textos, acho que uns dos meus penúltimos textos falava da mente, como a mente me traiu e a ansiedade acabava comigo em certos momentos. Como a gente escreve em forma de verso, é um impacto muito grande para as pessoas, já pensa que aquilo lá é o fim, que você vai se matar a qualquer momento. Hoje eu tento o máximo não acessar, eu tento diminuir (risos) (Maria).

Percebe-se que Maria procura as redes sociais para expressar seus sentimentos e pensamentos, principalmente os que estão latentes. A participante tem histórico de uso contínuo de Facebook, Instagram e WhatsApp e, embora tenha mencionado a redução do acesso, compartilhou sorrindo que por vezes tenta diminuir as postagens e não consegue. Ela ainda relata que nesse universo vê-se muitas pessoas felizes e esse pensamento corrobora com os autores Debord (2003) e Amaral (2015) quando frisam o termo espetacularização, em que há uma manifestação pública do que se quer ser, mas não o que está sendo, o real. O que se apresenta não é uma vida autêntica, genuína. Nessa ocasião, a pessoa foge da realidade, do que está sendo vivenciado. Segundo Maria, quando há algo contrário a publicações de vidas felizes, as pessoas se surpreendem, não estão preparadas para ver algo contrário a felicidade, beleza e ostentação material.

Apesar de Maria dizer que a rede social não tem muita importância em sua vida, quando disse “*eu tento diminuir*”, sua fala era acompanhada de sorrisos, o que pode indicar uma incongruência entre o discurso e as expressões não verbais. Trouxe também a questão que a rede é boa até certo ponto. Esta última colocação pode ser compreendida a partir de um dado relevante apontado por Amaral (2015, p. 482) quando o autor diz que a rede social “[...] traz o

usuário que se vende como um coitado, perseguido e sem sorte”. Ou seja, uma situação de vulnerabilidade, de vítima, de sofrimento. É um universo onde tudo pode, onde tudo é permitido, menos ser quem é de verdade. Há um exibicionismo exacerbado de imagens, e que influencia o modo de ser de quem está como espectador, e de quem o faz.

Para Sandra não há dúvidas quanto a importância das redes sociais na sua vida

Nunca poste a ideia suicida até porque eu tenho família que também tem rede social. Não queria criar esse alarme para eles. Assim, se eu dissesse pra você que não é importante ia estar mentindo, porque é importante, é onde desencadeia os meus ciúmes e algumas crises. Como eu te disse, estou num relacionamento, e eu vejo alguma coisa e outra que eu não vou gostar, e eu sei que não é só eu na situação, outras mulheres podem sentir ciúmes de qualquer coisa relacionada a rede social. Isso em mim desencadeia uma ansiedade, às vezes acontece pela manhã e toma o dia todo. A rede social em minha vida ela é importante, ela tem relevância, sim. As coisas que acontecem lá refletem de forma positiva ou negativa, ela tem influência em minha vida. (Sandra).

Em contribuição a este pensamento, os autores Rosa e Santos (2015, s/p) afirmam que “é notória a influência das redes sociais da internet no cotidiano de bilhões de pessoas [...]”. Um dos frutos que a sociedade moderna traz é a tecnologia, e as redes sociais são uma dessas ferramentas que se fazem presentes e necessárias. O fato de Sandra não postar sua ideia suicida advém da preocupação com a família, entende que vai ocasionar uma situação de alarme, considera preocupante, prefere preservá-los.

Porém, a Sandra tem uma particular relação com as redes, pois é através dela que seus ciúmes são potencializados, considerando esse meio de grande relevância em sua vida. Tudo que acontece influencia seu humor, a depender dos conteúdos. Quando é algo que desperta seus ciúmes, sente-se ansiosa e esse estado perdura por muito tempo.

Portanto, analisando os discursos de ambas, segundo Marcon, Machado e Carvalho (2012, s/p) “pensar a sociedade contemporânea implica pensar, obrigatoriamente, a intensa relação entre sujeitos e tecnologia”. Percebe-se que há uma estreita relação entre tecnologia e sujeito, como são modificados pelo que se expõe e o que está sendo exposto, tudo isso reflete em suas vidas ou de forma positiva ou negativa. Os mobilizam a tal ponto de mudarem o comportamento e ocasionar possíveis transtornos. O que corrobora com os pensamentos dos autores Rosa e Santos (2015), quando relacionam a influência das redes sociais na vida dos sujeitos.

Diante do supramencionado, Maria e Sandra têm diferentes pensamentos acerca do interesse em expor ou não sua ideia suicida.

Eu já expus mensagem de suicídio no Facebook, e coloquei no meu status do WhatsApp. Então (risos), no Facebook é uma coisa muito geral que eu não tenho como bloquear algumas pessoas pra não ver o acesso, e às vezes eu postava tipo: “hoje tudo que eu penso é sobre suicídio”. Escrevia alguma coisa assim numa tela preta, e postava, ou só algumas imagens no Facebook e textos enormes falando sobre a questão do suicídio, e como eu gostaria de estar morta e que pra mim já era o fim.

Também falava às vezes sobre a questão que estava cansada das pessoas falarem “nossa por que está tão depressiva?”, “Por que você está triste? Você tem pernas, dois braços, você não tem câncer”. A ansiedade e a depressão pra mim “ela era” como um câncer, estava me doendo bastante por dentro, e eu não encontrava apoio e nem um caminho. Não sabia o que fazer com aquele sentimento que estava muito forte, e eu não conseguia me livrar daquilo. Foi o tempo que eu comecei a tomar medicações, quando comecei a tomar medicações pra dormir (não me fez dormir). Porque toda vez que eu fechava o olho eu me via me suicidando de todas as formas absurdas. Quem encontrava comigo dizia que parecia uma zumbi, foi quando eu postava muita coisa no WhatsApp, especificamente no status; esse ano que diminui bastante. Eu não mandei para alguém em especial, mas eu posto mais no WhatsApp, algumas pessoas printam e enviam, só que eu privo algumas pessoas de verem meu WhatsApp; meu namorado, pessoas da minha casa e pessoas que poderiam fazer isso, printar e mandar pra meu namorado. Só que alguém conseguia printar e mandar pra ele. Às vezes eu me sentia muito aliviada de postar aquilo. A intenção era que eu me suicidasse quando postasse. Era como se tivesse colocando pra fora o que eu estava sentindo, estava muito presa e eu não conseguia conversar sobre certas questões, sobre suicídio. Principalmente porque meu namorado fala muito que tem medo de não receber um bom dia meu e sim a notícia que eu estou morta, porque ele passava várias noites sem dormir por conta disso. Às vezes eu escolhia privar quase todo mundo de ver, porque postar pra mim me faz sentir aliviada. É uma forma de falar sobre o que sentia, e que eu escrever na minha agenda não era a mesma coisa que eu postar era como chamar atenção de alguém. Por um lado, eu queria muito ser vista, me sentia invisível (Maria).

Para Maria, as redes sociais são uma oportunidade de chamar atenção para o que sente, de ser vista, pois se percebe invisível. Nesse sentido, o CFP (2013) confirma essa narrativa, que pode ser um pedido de ajuda, um grito, uma forma de chamar atenção para seu sofrimento. E o fato de publicar sua ideiação nestes veículos de comunicação corrobora também com o ponto de vista da autora Cunha et al. (2000, p. 199) quando diz que “[...] a maioria das vítimas comunica de alguma maneira suas intenções [...]”.

Ao publicar, Maria relata se sentir aliviada, porque colocava seus sentimentos negativos para fora, externalizava suas emoções. Porém, deixava sua família a par da situação que a afligia; embora tentasse evitar, o impulso em tornar público era maior, pois só escrever na agenda, no papel, não era o suficiente. De acordo com a participante, as pessoas compararam seus pensamentos suicidas com o câncer, chegando a elucidar que o câncer é bem pior e que ela está bem, além de pensar em suicídio seria absurdo. Porém, para Maria era como se fosse um câncer de fato, justificando que os sintomas são os mesmos, de dor, mas na alma e que corroem por dentro semelhante àquela doença. Contudo, percebe que as pessoas menosprezam o que não é visto fisicamente.

Quando Maria publica sua real situação, sua vida como de fato é, em contrapartida é diminuída por outros contextos que a sociedade considera mais relevantes. Por exemplo, o câncer é o que os olhos conseguem ver; o que a participante vivencia é a “dor da alma”, a percepção de muitas pessoas não consegue enxergar esse fenômeno. O que se tem aqui é uma exposição autêntica do que está sendo vivenciado e isso choca algumas pessoas, o que vai de contramão ao que está sendo exposto nas redes sociais, de uma vida feliz, sem problema algum.

Em contribuição a essa narrativa, Debord (2003, p. 13) faz uma reflexão do que está sendo vivenciado na atualidade ao afirmar que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação”. Na sua teoria, não há o real, apenas representações, performance de uma vida inautêntica.

Para Sandra, a não exposição tem a ver com o tumulto que possivelmente pode estar causando às pessoas próximas:

Eu nunca quis expor justamente por causa da minha família. Eu já li relato de pessoas que na hora de uma crise relatou: “ah, eu quero acabar com minha vida” ou “não quero mais isso”. Eu via a reação das pessoas no grupo, por exemplo no grupo de Facebook fechado, onde todo mundo queria falar com a família, saber como é que estava a pessoa. Causa um alarme, tanto pra família dela, pra amigos, e para as pessoas próximas. Então, por esse motivo eu não alarmava, justamente por causa da família (Sandra).

Os autores Barlow e Durand (2015, p. 267) trazem um dado relevante quando dizem que “a maioria das pessoas reage ao ouvir a notícia de um suicídio com tristeza e curiosidade. Algumas reagem tentando cometer suicídio, frequentemente pelo mesmo método que acabaram de ouvir”. É pertinente a preocupação de Sandra, o alarme ao qual se refere poderá desencadear diversos comportamentos nas pessoas ao seu redor, a depender da história de vida de cada sujeito com o momento atual, e o fato também de ser um familiar, os laços são estreitos, os efeitos poderão ser devastadores.

Ambas participantes são pessoas jovens e, segundo Dias (2018, s/p), a “Organização Mundial da Saúde (OMS) já coloca o suicídio como segunda principal causa de morte de pessoas entre 15 e 29 anos”, fato corroborado pelo CFP (2013), que alerta para o caso de o fenômeno ser crescente nessa população. Diante dos dados significativos e considerando as narrativas das participantes, pode-se dizer que os pensamentos de ideação suicida podem tomar forma e em algum momento se tornarem reais.

Portanto, a exposição da ideação difere, pois Maria, mesmo sabendo que os familiares irão ver suas publicações, não se sente impedida de expor sua ideação, a vontade é maior que os pensamentos práticos do dia a dia, como por exemplo, preservar sua família. Por outro lado, Sandra entende que expor ideações suicidas levará sua família a sofrer algum dano, e isso a impede de publicar. Muitos são os fatores que levam as pessoas a utilizarem as redes sociais, e como escolhem quais usarem dependem das necessidades e particularidades de cada um, entendendo que somos seres subjetivos e complexos. Por esse motivo, os gostos são particulares e advêm de algum desejo específico de cada sujeito.

Então, [uso] mais o WhatsApp. Tem maior relevância por conta de todos os grupos que a gente tem; da universidade, e mais os outros contatos. Pra mim é uma das redes mais importantes. Porque abrange as pessoas que conheço, esse é meu entendimento,

ou seja, algumas vezes eu tentei passar essa mensagem pra minha mãe. Eu entendo WhatsApp como algo mais privado (Maria).

Maria usa mais o WhatsApp, em função de atender a sua necessidade, porque abrange as pessoas conhecidas, do seu meio, ou a quem quer alcançar, sendo considerada a rede mais importante. Segundo Marcon, Machado e Carvalho (2012, s/p), “as redes sociais permitem construir um intenso processo de comunicação” [...]. Ou seja, corroborando com a fala de Maria quando diz que tem “*relevância por conta de todos os grupos que a gente tem*”, a tecnologia potencializou este contexto, favorecendo a comunicação seja ela como for.

Sandra não expõe sua ideiação em nenhuma rede social, porém, elucida que exporia no Instagram.

Não uso nenhuma rede social. E se fosse usar seria o Instagram. Todo mundo está online o tempo todo, tem o perfil de todo mundo. Tenho o seu perfil e você não vai saber, o Facebook não é assim. O Facebook é mais limitado, meu ponto de vista, por exemplo; você pode fechar sua conta pública e publicar pra que todos vejam e pode escolher a opção. No Instagram posso deixar meu perfil público e todo mundo que entrar você vai ver. Não tem como excluir uma publicação, deixar pública ou privada, ou o teu perfil ele é todo público ou privado. No Facebook você seleciona o que eu quero que você veja. Particularmente eu não uso Facebook, gosta do Instagram por causa dessa publicização em massa (Sandra).

Interessante seu posicionamento para quem não utiliza as redes com esse intuito, por entender que visa uma publicação onde todo mundo está online, e que não se escolhe ser privado ou não, diferente do Facebook, que é considerado pela Sandra como limitado. Chama atenção por entender que ao publicar nessa rede todos terão acesso sem possibilidade de se arrepender e excluir em seguida. Ao mencionar “*tenho o seu perfil e você não vai saber*” percebe-se que Sandra se protege; esse fato lhe transmite certa segurança.

Em se tratando deste contexto de publicização nas redes sociais, ao divulgar seus conteúdos, o alcance será mundial, todos poderão ter acesso a história contada por cada participante. Nesse sentido, quais aspectos estão envolvidos quando Maria decide publicar sua ideiação suicida?

Primeiramente, porque eu queria... Acho que eu queria ajuda. Mas por outro lado eu não tinha mais como resolver, não ia ter mais jeito, a única forma era aderir ao suicídio. Eu estava, vamos dizer assim... Que essa era a última tentativa que eu teria de se tornar pública, e se eu não conseguisse ajuda, cometer o suicídio seria a única forma mesmo. A intenção de se tornar pública era para que algumas pessoas vissem principalmente o que a gente está passando, e que eu sei que não era só eu que passo por isso. Muitas vezes quando alguém via algumas postagens, compartilhavam da mesma situação, não com a intensidade de postar no face como eu postava mas eu conseguia conversar com algumas pessoas sobre esta questão. A questão de se tornar pública às vezes eu acho que era além de chamar atenção de outras pessoas, acho que estava me sentindo muito invisível, era pedido de ajuda. Eu estava no extremo. Os aspectos envolvidos eram as questões sobre o sofrimento e do sentimento que a pessoa está passando... Às vezes quando eu chegava a postar no face é porque eu estava ao ponto de estourar, eu estava no meu limite máximo, e eu já tinha recorrido a tudo que eu podia fazer. Chegava ao limite máximo, aí eu postava, ultimamente no face. “Ahh”, não sei te falar. O sofrimento estava maior... O sentimento dentro de mim estava maior. Era como tudo isso virasse uma bola e ao mesmo tempo aquele

turbilhão de sentimentos, e aí eu fazia isso, postava. Sentimentos totalmente negativos. Ah, eu postava muito a questão de extrema tristeza, quem lesse com certeza ficaria assustado com as palavras que eu colocava. Não colocava nenhuma palavra camuflada... Realmente era o que estava sentindo. Quem estava lendo realmente entendia o que eu tinha dito... Entendia realmente qual era intenção daquela publicação. Muitas vezes preocupava porque algumas pessoas chegavam a minha casa, depois que publicava, e em alguns minutos chegavam dizendo; só vim pra saber como você estava. Achava isso estranho sabe, a pessoa não falava na hora que chegava em casa, mas depois dizia que tinha ficado preocupada. Só sabia depois que era algo que eu tinha publicado... Eu não achava que era por conta da publicação. Mas quando chegou a minha porta essas questões e que se tornou cada vez mais forte, a psicóloga e a assistente social do meu campus iam nos meus pais conversar sobre essa situação. Minha mãe e meu pai não têm rede social. Então, eu publico no face porque sei que meus pais não vão ver. Eu postava algumas coisas mais fortes, eu postava no face porque sabia que eles não iam ver. De certa forma estava preservando eles. No status, depende muito do tipo de linguagem que eu usava, se eu fosse falar alguma coisa de tristeza, normal, aí eu deixava todo mundo ver. Quando ia falar alguma coisa sobre suicídio, geralmente eu postava muito, demais, e imagens também, em geral, não viam. Eu pensava nisso, a quem eu ia atingir ou não... Eu tinha esse cuidado (Maria).

Maria tem um relato intenso sobre suas publicações, fala de invisibilidade, de pedido de ajuda, de ser ouvida, de sentimentos, de pensamentos e sofrimentos extremos. Por esses sofrimentos angustiantes e estando no seu limite máximo, ou seja, vivenciando um turbilhão de emoções, era nesse momento que resolvia publicar, externalizava seus conteúdos de forma autêntica. Não maquiava o que estava passando, apresentava o que realmente acontecia, e com essa postura acabava por ajudar algumas outras pessoas que estavam na mesma situação, compartilhavam entre si seus pensamentos, e assim se ajudavam.

A dor existencial que Maria se refere a fazia pensar em suicídio por acreditar que seria sua única saída. Percebe-se que a dor é latente em seus discursos. Há uma preocupação por parte dos familiares e profissionais que a acompanham. No entanto, suas publicações, apesar de serem aversivas para algumas pessoas, são um mecanismo que Maria utiliza e que tem dado resultados. Ao escrever sobre seus sentimentos, compartilha com quem passa pela mesma situação, possibilitando que outras pessoas vejam seus conteúdos, alcançando a sociedade de modo geral.

Validando esse pensamento, o CFP (2013) relata que na contemporaneidade percebe-se que falar sobre a morte ainda é um tabu. Em resumo, não gostam de falar e nem de ouvir falar. Ressaltando que a informação é o primeiro passo para compreender esse fenômeno, pois, em contribuição ao CFP, segundo Trigueiro (2015, p. 45), “o silêncio em torno do assunto alimenta a passividade [...]”. Portanto, mesmo sendo algo delicado, Maria abre espaço para possíveis discussões em seus grupos. Falam sobre suicídio, o que contribui para que aos poucos essa temática seja desmistificada.

A participante Sandra não publicou a ideia suicida. Ressalta que a não divulgação de sua ideia está relacionada a sua família.

Eu não publiquei... Mas digo que os aspectos que estão envolvidos nesse isolamento seria mais ou menos como eu te falei, por causa da família. Decidi ficar de forma isolada, não ter publicado por causa da minha família. E talvez por... E se não der certo? Entendeu? Outras pessoas vão saber, isso vai ficar marcado em mim de alguma forma, por exemplo: "A Sandra que tentou cometer suicídio" (Sandra).

Na sua fala percebe-se que aparentemente tem medo de ser rotulada, de ser a pessoa que tentou suicídio e não conseguiu efetivar o ato. O receio de não alcançar esse fim a persegue, sendo um dos motivos para possivelmente não ter tentado suicídio. A família e a incerteza são equivalentes. Portanto, essas duas situações estão sendo relativamente positivas nesse contexto, postergando ou evitando que o fato se concretize.

O uso de redes sociais dá aos usuários possibilidades infinitas de postagens. Nesse sentido, Sandra não se enquadra nessa peculiaridade. Todavia, Maria tem quantidades de postagens significativas, sendo direcionadas para todos os seus contatos, a saber:

Não vou te falar quantas, mas são várias. Algumas ainda tenho postada. Fazendo uma estimativa... devo ter mais ou menos... Que eu postei... Imagino que deve ser mais de 20 postagens. Só no face tem mais de 20. No status eu postava tipo, todos os dias. Uma vez eu fui notificada pelo face por conta da ideia suicida. Então, nunca tinha visto acontecer isso, deles me notificarem, na mensagem deles diziam: "você está recebendo esta mensagem porque postou alguma coisa sobre suicídio". Eles falaram alguma coisa de apoio, umas 3 (três) páginas em seguida sobre esta questão. Falou do CVV, me orientaram. Então, eu apaguei algumas, mas ainda tem lá. Agora no status eu postava todo dia e às vezes eu postava até 5 (cinco) por dia; fotos, frases, às vezes coisas da minha cabeça, não era coisa que eu pegava da internet. Que eu posto no status deve ter um 1 ano e 6 (seis) meses, postava de 5 a mais no status. No WhatsApp pouquíssimas pessoas tinham meu telefone. No WhatsApp eu postava coisa mais fortes, meu namorado não tinha esse número. Às vezes quando ele falava todo dia que estava preocupado, eu vi que ele não dormia, aí comecei a me policiar nas publicações, principalmente porque no face, na hora que eu posto, chega uma notificação no celular do meu namorado. Entendo que ele está muito preocupado, porque ele pensa que a qualquer hora eu posso suicidar. No celular dele se eu postar qualquer coisa aparece a hora, me sinto policiada, é muito ruim de sentir assim. Eu compreendo ele, ele diz que sou muito determinada e quando eu quero fazer alguma coisa eu vou e faço, então ele tem medo por conta disso. Agora diminuí mais com as postagens. Esse ano postei uma, duas coisas, mas foi sobre ansiedade em geral, nada de tão forte. No status parou totalmente deste ano pra cá. A partir de janeiro 2019 pra cá, tem um mês. Não teve uma causa, mas acho que foi porque meu outro celular durava muito tempo a carga, aí deixei cair, ele quebrou. O motivo é mais a questão do celular. Eu estou tentando ficar o máximo sem rede social pra ver se eu não posto nada. Porque escrevo e às vezes mesmo escrevendo eu posto, eu escrevo numa agenda, num papel às vezes, com a intenção que eu não postasse isso, mas quase sempre eu posto. Eu não quero postar porque atinge muitas pessoas tipo: meu namorado, que está de olho em mim 24 horas, eu tenho uma professora, eu tenho todo mundo que convive no meu estágio, todo mundo sabe da minha situação, mas ninguém conversou comigo. Fiquei sabendo essa semana que a maioria das pessoas já viram nas redes sociais minhas publicações. Não sei dizer porque tenho tanta vontade em publicar (risos). Eu sempre gostei muito de postar as coisas no face, mas nunca foi tão intensa com a questão negativa. Com o passar do tempo parei de postar e escrever, só que as vezes eu não consigo escrever na folha, começo a escrever, aí eu começo a desenhar, desenhar e desenhar, eu não consigo escrever. Às vezes que eu estou só com celular consigo escrever, mas posto logo em seguida (Maria).

Maria já foi notificada pelo Facebook devido às suas postagens, o que causou surpresa, pois não esperava. Vale ressaltar que a atitude do Facebook colabora com o cuidado aos

usuários que compartilham imagens, vídeos ou mensagens desse teor, e não só notificou como também orientou a buscar ajuda através do CVV – Centro de Valorização da Vida. Contudo, suas postagens continuam, apesar de ter diminuído em virtude da preocupação com familiares e vigilância do namorado (o Facebook da participante está conectado ao celular do namorado) e a notificação do Facebook. No total foram mais de 20 (vinte) publicações.

Maria utiliza o status do WhatsApp diariamente e publica 5 ou mais mensagens. Diz ter parado de fazer as publicações, mas logo compartilhou que foi devido ao seu celular ter sido danificado. Nesse sentido, cabe entender que os motivos foram de ordem técnica, não porque considerou que seria pertinente, ou necessário. E em seu discurso essa versão é alicerçada quando Maria diz que *“o motivo é mais a questão do celular”*.

Percebe-se que, para a participante, só escrever em um papel não é o suficiente, precisa postar; *“quase sempre eu posto”, “mas posto logo em seguida”*. Há uma necessidade de que tudo que está sentindo seja exposto, seja publicado, apesar da mesma não saber o *“porque tenho tanta vontade em publicar”*, compartilha esse fato sorrindo. Nesse sentido, constata-se que não há limites quando se referem a exposição em redes sociais, tudo tem que ser mostrado para milhões e milhões de usuários. O viver se tornou um grande espetáculo (AMARAL, 2015). Maria fala: *“começo a escrever aí eu começo a desenhar, desenhar e desenhar”*, ou seja, tenta deixar só escrito no papel, mas perde o foco, não consegue se conter. O anseio de expor fala mais alto.

É curioso a participante dizer que *“todo mundo sabe da minha situação, mas, ninguém conversou comigo”* Mesmo diante de mensagens de sofrimento que estão sendo publicizadas, e da relevância do suicídio, ainda é considerado um tabu, “um assunto invisível, ausente, sobre o qual preferimos não falar” (TRIGUEIRO, 2015, p. 41). O diálogo sobre essa temática surge a partir de um acontecimento trágico, mas com um grau tímido e silencioso, o medo de falar ainda é considerado um desafio na contemporaneidade.

6.3 Diferencial e perfil da participante que publica e da participante que age de forma isolada

As participantes compartilharam seu ponto de vista sobre diferencial de quem publica e de quem age de forma isolada. Maria relata que o fato de algumas pessoas não exporem seus pensamentos e sentimentos advém do medo, dos julgamentos. Maria vivencia essa situação quando diz que *“julgam muito a minha depressão”*. Mesmo com toda informação pertinente ao assunto e que estão disponíveis em todos os veículos de comunicação, ainda há julgamentos.

Em decorrência do que fora mencionado, entende-se que há uma desconsideração da sua real situação, que é delicada, e que necessita de ajuda. Nesse sentido, segundo ABP (2014, p. 15) que “as taxas de suicídio vem aumentando globalmente [...]”. Respectivamente, Trigueiro (2015, p. 20) alerta também para situação que “o suicídio representa 1,4% de todas as mortes no mundo”.

Maria diz que o diferencial das pessoas que não publicam sua ideação seria a situação religiosa “*que vai pra o inferno quem se suicidar*”, valores que segundo Maria ainda perduram. A participante elucida que aqueles que têm facilidade de usar as redes sociais para postarem mensagens de suicídio, depressão e outros é porque o sofrimento chegou ao extremo, “*porque já estão pedindo ajuda de todas as formas possíveis, por isso postam*”.

Considerando que os que não postam também estão em sofrimento, classificado pela Maria como um sofrimento ainda maior dos que os que publicam, o diferencial está no fato de que “*quem posta consegue conversar*”; “*às vezes quem não publica também está no extremo, mas é aquela questão, não sabe*”. Desta maneira, corroborando com esse discurso, no qual o sofrimento é enfatizado na sua fala, o CFP (2013, p. 31) alerta para o fato que o suicídio é “[...] uma forma de lidar com sofrimento [...]”.

Outro diferencial relatado pela Maria para a não publicação é a família. A família seria o segundo motivo para os que agem de forma isolada, por entender que “*às vezes a pessoa não quer que a família saiba*”. No entanto, para Maria esse também era um motivo para evitar publicar suas mensagens nas redes “*no começo eu tinha muito isso, eu não queria que minha mãe soubesse*”. Portanto, sentimento negativo persiste na vida da Maria: “*fico triste, pois tem momento que fica muito insuportável*”. Contudo, ao expor na rede de sua preferência a ideação, percebe que consegue ajudar, pois entende que “*tem umas pessoas que não conseguem nem falar*”.

A participante acredita que através de suas postagens alguém que esteja passando pelo mesmo problema pode estar sendo beneficiado: “*postando, consigo ajudar*”. As redes sociais intensificaram a comunicação por meio virtual, tornando-a mais prática aos respectivos usuários, ou seja, permite que a conversa aconteça, mesmo sendo virtualmente. Ao postar, Maria fomenta o diálogo, e segundo Marcon, Machado e Carvalho (2012) as redes permitem que essa comunicação ocorra, acentua esse processo.

Então, tem muita gente que em certos momentos não consegue expor por medo de ser julgada, julgam muito a minha depressão, por mais que entendam o suicídio. Algumas pessoas dizem que vai pra o inferno quem se suicidar, eu acho que isso limita muito as pessoas de pensar em postar. Os que postam geralmente é porque está com sentimento e sofrimento muito elevado, porque já estão pedindo ajuda de todas as formas possíveis, por isso postam. Mas o de forma isolada também está em um sofrimento grande, mas, de forma maior do que de quem posta, quem posta consegue conversar. A pessoa que publica é porque ela já está no extremo do extremo e às vezes

quem não publica também está no extremo, mas é aquela questão, não sabe. Por exemplo, eu nunca vi aquela pessoa triste, aí ele vai e se mata, e tal. Tem um grande diferencial a questão, não sei se pode ser ou não, pode estar ligado a questões religiosas, se você postar vai pra inferno, e tem outras questões, o medo de atingir quem tá do lado dela, tipo, a família. Às vezes a pessoa não quer que a família saiba. No começo eu tinha muito isso, eu não queria que minha mãe soubesse. Toda vez que eu falo, fico triste, pois tem momento que fica muito insuportável. Postando, consigo ajudar, porque tem umas pessoas que não conseguem nem falar (Maria).

A participante Sandra, por sua vez, compartilha que o seu diferencial tem a ver com intimidade, considera muito pessoal: “*é tão íntimo, tão interno, uma decisão tão minha que eu não quero que os outros saibam*”. Relata que as pessoas que publicam sua ideação estão envoltos em solidão, “*e que só tem vida virtual*”, “*que só tem amizade em rede social*”, sendo esta sua peculiaridade. Assim, como tudo que permeia as redes sociais, as pessoas estão sujeitas a serem influenciadas e modificadas por este meio. Nesse sentido, as relações humanas não ficam de fora, ou seja, com “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves” (BAUMAN, 2004, p. 83).

Sandra traz uma experiência relacionada ao Facebook, de um grupo do qual fazia parte e que tinha depoimentos de pessoas em sofrimento. Ao falarem de como estavam se sentindo nesse meio virtual, alguém se manifestava, alguém estava disposto a ouvir, mobilizava o grupo, resultando em um cuidado por parte do demais: “*ali gerava uma preocupação, talvez aquela pessoa não tinha na sua vida normal, de alguma forma aquilo ali ajudava*”. Respaldados com palavras acolhedoras que os ajudam a lidarem com seus sofrimentos “*fica calmo, sinta-se abraçado, isso vai passar*”. Segundo Cunha et al. (2000), em algum momento ou situação as pessoas comunicam suas intenções suicidas. Deste modo, ao terem expostos seus pensamentos no grupo, as pessoas foram solícitas às suas dores, às suas queixas, ou seja, em algum momento foram ouvidos.

Talvez eu não saiba te responder qual seria o diferencial. Eu não quero tornar algo tão íntimo, público. Embora eu goste de redes sociais, utilizo bastante, mas acho que isso é tão íntimo, tão interno, uma decisão tão minha que eu não quero que os outros saibam. Penso que as pessoas que publica talvez seja pra se expor mesmo, ou talvez porque está só, ou talvez não tenha ninguém pra contar. Tem pessoas que só tem vida virtual, tem muita gente assim, tem gente que só tem amizade em rede social, como por exemplo, eu participei de um grupo quando estava no face, as pessoas iam lá pra contar que “eu não quero mais”, “eu não aguento mais essa vida”. Então, ali gerava uma preocupação, talvez aquela pessoa não tinha na sua vida normal, de alguma forma aquilo ali ajudava. Por exemplo: “fulano, fica calmo”, “sinta-se abraçado, isso vai passar”. Já vi publicações que as pessoas falam: “tomei tanto de remédio, fiz isso e aquilo, estou bebendo horrores”. De alguma forma se alguém talvez conversar com ela, vai se sentir mais aliviada, talvez eu penso que esses seriam os motivos para publicarem (Sandra).

Maria, que publica sua ideação suicida, compartilhou qual é seu diferencial como também idealizou como seria alguém diferente ao seu modo de ser – os que agem de forma

isolada. Assim como Maria explicou seu ponto de vista, Sandra também explicou seu diferencial e como alguém diferente a ela agiria, fato este que enriqueceu essa temática; saber como as participantes veem o outro, ter se colocado no lugar do outro, foi de grande valia.

Aproveitando o que fora supramencionado, cabe a ilustração se os perfis são diferentes – quem expõe e quem age de forma isolada. Maria partilha inicialmente que seu perfil não é diferenciado, porém, em seu discurso diz que “*não muito, eu acho, mas eu acho*”. Após isso, chegou à conclusão que o seu perfil está relacionado ao de querer “*mais chamar atenção*” para o que sente, diferentemente de quem não publica, pois entende que esses perfis são de pessoas mais caladas, quietas e que “*não sabe como chamar atenção*” para seus sentimentos.

Mesmo diante de perfis considerados por Maria como mais contidos e outros que conseguem falar sobre seus sentimentos com mais facilidade, ambos são preocupantes, pois de algum modo estão dando sinais de alerta sobre como estão se sentindo. Segundo a ABP (2014, p. 15) “estima-se que até 2020 poderá ocorrer um incremento de 50% na incidência anual de mortes por suicídio em todo mundo [...], [o que] ultrapassa o número de mortes decorrentes de homicídios e guerra combinados”. Ou seja, os números aumentam a cada ano, tornando-se algo intrigante e desafiador, pois trata da vida humana e sua complexidade.

Compartilhando desse discurso, Trigueiro (2015) chama atenção para que a simplificação desta temática, e os cuidados inerentes, devem ser revistos e dada a devida importância que essa questão representa para sociedade de modo geral.

Porque o de forma isolada eles ficam quietos, na dele, não falam, não expõem, nem nada. Não muito, eu acho, mas eu acho. A questão do meu perfil ou da pessoa que publica, eu acho que é uma questão de até querer mais chamar atenção, eu acho que é a essa diferença. As outras pessoas precisam de atenção, não conseguem, não sabe como chamar atenção (Maria).

Maria tem mais facilidade em expor seus sentimentos, e utiliza das redes sociais também para esse fim, ao contrário dos que não publicam, em sua teoria, pois são pessoas mais reservadas, e não sabem como ser ajudadas através das redes sociais.

No entanto, Sandra considera que tem um perfil diferenciado, relaciona-se à culpa. Não quer que sua ideação suicida venha fazer com que alguém se sinta responsável pelos seus atos, pelo que sente “*talvez eu não queira que surja uma culpa pra alguém*”. Sua preocupação é pertinente pois o CFP (2013, p. 94) elucida que “[...] é comum que recaia sobre as famílias e outras pessoas próximas daqueles que tentaram ou conseguiram tirar suas próprias vidas, uma série de sentimentos como a culpa [...]”.

Sandra relata que os seus pensamentos suicidas são de foro íntimo, algo muito particular, que só pertença a sua pessoa. Portanto, o termo espetacularização não condiz com sua realidade, com seu modo de ser, termo este utilizado por Debord (2003) e Amaral (2015), que tem a ver

com a publicização da intimidade a nível mundial. No entanto, a Sandra não sabe dizer como é na realidade “*na verdade eu não sei como sou*”, sendo este um dos motivos para ter iniciado a terapia. Expõe que a forma como se sente reflete no ambiente, nas pessoas e no jeito de se expressar. Tudo que permeia seu universo reflete em sua vida, ou seja, “*posso sentir a vontade de conversar com você aqui, mas já com outros me fecho, às vezes eu posso estar à vontade aqui e fingir que estou à vontade com você*”.

Sim. O meu perfil é que talvez eu não queira que surja uma culpa pra alguém. Vamos supor... levar para minha situação atual; eu tenho um relacionamento, algumas pessoas sabem que não é lá essas coisas, e que ele não está na melhor fase, mas quando ouço alguém dizer que um fulano se matou por causa de fulano, é uma decisão tão íntima da pessoa, esse seria o meu diferencial, não querer que as outras pessoas saibam, por entender que é íntimo demais. Na verdade eu não sei como sou, não sei responder, é um dos motivos pra estar na terapia, e de não saber quem eu sou, entendeu? Exemplo: posso sentir a vontade de conversar com você aqui, mas já com outros me fecho, às vezes eu posso estar à vontade aqui e fingir que estou à vontade com você. Aqui, eu estou à vontade com você, eu acredito muito em energia, você me passa através de você, do teu olhar, do que jeito que você me trata, que eu posso confiar em você. Também conheço o trabalho do SEPSI, eu já estou aqui há um tempo, eu sei que eu posso abrir as coisas da minha vida aqui, que você tem responsabilidade comigo, me sinto segura. E em ambiente que não me sinto à vontade, fico insegura (Sandra).

Portanto, o ambiente que a mesma considerar seguro influenciará positivamente o seu comportamento, assim como os que considerar inseguros “*e em ambiente que não me sinto à vontade, fico insegura*”. Deste modo, o ambiente tem grande relevância no seu modo de ser e de viver no mundo. Nesse sentido, os perfis são diferentes, pois a Maria se vê como alguém mais espontânea e que sabe usar as redes da maneira como considerar relevante, ao contrário de Sandra, que entende que é algo de foro íntimo expor sua ideação, e que não quer que alguém se sinta culpado por suas atitudes.

Portanto, cabe elucidar que os assuntos que correspondem às redes sociais e à ideação suicida foram abordados detalhadamente como supracitados e em consonância com as falas das respectivas participantes e o referencial teórico como suporte. Posteriormente, apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas e os apêndices.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa proporcionou adentrar em um universo que ainda sofre tabus na contemporaneidade, o suicídio e, em especial, a ideação suicida. Portanto, o intuito deste trabalho foi identificar os fatores que motivam as pessoas a mudar o percurso da ideação suicida de maneira privada ou particular para a sua publicação nas redes sociais.

Levando-se em conta as respostas que foram obtidas através do questionário semiestruturado, os resultados encontrados permitiram chegar às seguintes conclusões: no que se refere ao percurso de história de vida diferenciado da ideação privada ou particular para ideação pública, foi possível notar que tem sua particularidade, a depender da história de cada participante.

No entanto, o que levou a mudar o percurso da ideação privada para publicização nas redes sociais foi o fato de tê-las como uma distração e diante do que estava sendo explicitado neste meio de comunicação (suicídio e outros), seu interesse em publicar foi manifestado. Os pensamentos da participante que publica dantes eram relatados em uma agenda, mas quando começou a publicar a sensação era de alívio, pois se sentia invisível. A repercussão dessa iniciativa potencializou o desejo de continuar a publicar seus sentimentos e pensamentos acerca do que estava sendo vivenciado, mudando assim, seu percurso. Contudo, a participante de ideação privada tem histórico de baixa autoestima e relações abusivas, o que potencializa a sua baixa autoestima.

Outro dado relevante e que fora observado são as causas que levaram a escolher publicar a ideação suicida. Portanto, é nas redes sociais que a comunicação acontece, e nesse veículo que a participante consegue se expressar da maneira como está se sentindo, ver uma oportunidade de chamar atenção para seus sentimentos, de ser vista. Entende ainda que através das suas postagens pode estar ajudando alguém na mesma situação. Quando posta, consegue conversar sobre o problema, é uma forma que encontrou de externalizar seus sentimentos e sofrimentos. Entretanto, em virtude do que foi mencionado, a observação feita pela participante que não publica sua ideação está relacionada ao alarme que essa situação vai ocasionar na família e a preocupação em ser rotulada como a pessoa que tentou suicídio, por entender que é algo de foro íntimo e não quer alguém se sinta culpado por sua atitude.

Em vista dos argumentos apresentados, a participante que publica sua ideação suicida tem um perfil de pessoas que tem facilidade de usar todos os meios de comunicação para chamar atenção para sua demanda. Consegue através do seu jeito fomentar diálogo, ajudar alguém, ou seja, pessoas mais espontâneas e quem tem facilidade de expor sem constrangimento algum e que viu na internet um meio de se comunicar. Tendo em vista que as suas publicações são

diárias, o WhatsApp é preferência. Ao contrário da que não publica, tem um perfil mais contido, pois entende que é uma situação de foro íntimo, não quer que ninguém se sinta culpado por suas decisões.

Todas essas causas levam a entender que cada participante tem um diferencial, algo que chama mais atenção, que compreende sua situação de modo muito particular, a subjetividade fala mais alto. Mesmo diante da publicização de conteúdos intensos que falam de suicídios, depressão e ansiedade, as causas não interferem em quem vai atingir. A sua vontade fala mais alto. Ao contrário da que não publica, a família é um dos fatores da não publicização.

Contudo, a maior dificuldade na realização da pesquisa foi a questão da fragilidade de ambas, estavam sensíveis às suas demandas, e os cuidados tiveram que ser redobrados. Os conteúdos foram fidedignos e responderam ao que foi proposto, o que possibilitou mais conhecimento, e que podem estar ajudando a sociedade de um modo geral com informações que possibilitarão às famílias estarem mais atentas as pessoas ao seu redor, como também a possibilidade que o diálogo sobre as temáticas suicídio e redes sociais possam acontecer.

Faz-se necessário que os profissionais da saúde, em especial os psicólogos, debrucesem-se de todas as formas ao tema suicídio e suas particularidades, pois ainda é considerado um tabu. É necessário que o silêncio a essa temática seja desmitificado, e concomitantemente, entendido como algo que pode ser conversado sem medo, sem restrições.

Outro dado relevante a ser pesquisado são os mecanismos de enfrentamentos utilizados pelas participantes e que estão dando resultados na diminuição da ideação suicida: psicoterapias, hipnose, terapia holística, críticas aos pensamentos e medicação.

Como sugestões para pesquisas futuras, sugere-se aprofundar mais na história de vida de quem tem ideação suicida, pois possibilita ampliar a visão do que está sendo vivenciado. Outra sugestão é a de realizar pesquisas relacionadas ao uso de medicamentos para o tratamento da depressão, ansiedade, ideação suicida e outros, até que ponto estão sendo eficazes no tratamento, assim como os efeitos colaterais dos mesmos no organismo. E por último, sobre o mês para prevenção do suicídio (setembro amarelo), considerando que a ênfase dada ao suicídio só existe no mês desta campanha, no qual todos falam sobre o assunto em todos os veículos de comunicação, e através desse movimento surgem casos e notícias sobre suicídio, há uma mobilização a respeito. Interessante ressaltar que o silêncio existe porque o que não é falado não é lembrado. Então, propõe-se que seja algo contínuo, uma campanha que se preocupe em promover a vida e que esteja em evidência ao longo de todo o ano.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). Suicídio: informando para prevenir. **Conselho Federal de Medicina (CFM)**. CFM/ABP. Brasília, 2014, p. 9,10 e15. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/wp-content/uploads/2017/05/suicidio_informado_para_prevenir_abp_2014.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2018.
- ANGERAMI, V. A. **Suicídio: uma alternativa à vida: fragmentos de psicoterapia existencial**. Belo Horizonte: Artesã, 2017, p.32-33. ISBN: 978-85-88009-77-6.
- AMARAL, R. Exposição da vida privada em redes sociais: motivações e consequências. **Colloquium Humanarum**, São Paulo; v. 12, n. Especial, p. 476-482, 2015. ISSN: 1809-8207. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2015/suplementos/area/Humanarum/Comunica%C3%A7%C3%A3o/EXPOSI%C3%87%C3%83O%20DA%20VIDA%20PRIVADA%20EM%20REDES%20SOCIAIS%20MOTIVA%C3%87%C3%95ES%20E%20CONSEQU%C3%84NCIAS.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 8, 9, 40 e 154, 2001. ISBN: 978-85-7110-598-0.
- BAUMAN, Z. Pós-Modernidade. Realização de Yuri Silva. 2011. (4413 min.), **Vídeo, son., color**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=58MMs5j3TjA>>. Acesso em: 07 set. 2018.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zagar, 83 p. 2004. ISBN: 978-85-7110-795-3.
- BAUMAN, Z. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 24 p. 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/CANDIDA/Downloads/BAUMAN,%20Zygmund.%20%2044%20cartas%20do%20mundo%20l%C3%ADquido%20moderno.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018
- BARLOW, D.H.; DURAND, V.M. **Psicopatologia: uma abordagem integrada**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, p. 262, 264 e 267, 2015. ISBN:978-85-221-1869-4.
- BITTAR, E.C.B. O direito na pós-modernidade. **Revista Sequencia**, n. 57, 137 p. dez. 2008. Disponível em: <<file:///C:/Users/CANDIDA/Downloads/14951-46105-1-PB.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 7 p. 2012. ISBN:978-85-200-1041-9.
- BIBLIOTECA INTEGRADA: 1º ao nono ano, médio, concursos, vestibulares. São Paulo: **PAE-Programa de Assistência ao Estudante**, 1 p. 2010.
- BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1 (3), jan./jul., 75 p. 2005. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/%2018027/16976>>. Acesso em: 30 set. 2018

BOTEGA, N. J. **Crise Suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, p. 21, 47,102 e 103, 2015. ISBN: 978-85-8271-237-5.

CAMPOS, L.F.L. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. 5. ed. Campinas, SP: Alínea, 57 p. 2015. ISBN:978-85-7516-565-2.

CASSORLA, R.M.S. **Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução**. São Paulo: Blucher, 88 p. 2018. ISBN: 978-85-212-1253-9. Disponível em: <<http://bv4.digitalpages.com.br/?term=SUICIDIO&searchpage=1&filtro=todos&from=busca&page=3§ion=0#/edicao/158615>>. Acesso em: 24 out. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Suicídio e os desafios para a Psicologia**. 1.ed. Brasília, p.16, 25,28, 31, 32, 65, 94, 101 e 117, 2013. ISBN: 978-85-89208-70-3.

CUNHA, J. A. et al. **Psicodiagnóstico - V**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, p. 197-199, 2000. ISBN:978-85-7307-722-3.

CIRIACO, D. Mais de 4 bilhões de pessoas usam a internet ao redor do mundo. **Tecmundo**. 30 Jan. 2018. Disponível em:<<https://www.tecmundo.com.br/internet/126654-4-bilhoes-pessoas-usam-internet-no-mundo.htm>>. Acesso em: 22 set. 2018.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Projeto Periferia. São Paulo, p. 13-19, 2003. Disponível em:<<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018.

DIAS, M. Suicídio entre adolescentes e jovens não para de crescer no Brasil e no mundo. **Revista Encontro**, 17 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/revista/2018/07/suicidio-entre-adolescentes-e-jovens-nao-para-de-crescer-no-brasil-e-n.html>>. Acesso em: 24 out. 2018.

DORON, R.; PAROT, F. **Dicionário de Psicologia**. 1.ed. Lisboa: Climepsi editores, 724 p. out. 2001. ISBN: 978-972-8449-70-4.

DURKHEIM, É. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Edipro,16 p. 2014. ISBN: 978-85-7283-861-0.

FERREIRA, G.C. Redes Sociais de Informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.3, 208 p. jul./set. 2011. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n3/13.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018

FILHO, E. P. F.; NASCIMENTO, M. F.; SÁ, R. J. Redes Sociais Digitais: uma Nova Configuração no Estilo de Vida da Contemporaneidade. **IX SEGeT**, 2012. Disponível em:<<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/26116207.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2018.
FORTES, C.C. O Pós-modernismo, Lyotard e a história: a condição pós-moderna e uma tentativa de aproximação ao fazer historiográfico. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 11, ano XI, n. 2, p. 9-11, jul./dez. 2014. ISSN: 1807-6971. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF34/Artigo_Carolina%20Coelho%20Fortes.pdf>. Acesso em:10 set. 2018.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. Métodos de Pesquisa. **EAD: série educação a distância**. Porto Alegre: UFRGS, p. 35, 2009.

KARASEK, F. S. O conceito de pós-modernidade em Lyotard e a possibilidade da influência nietzschiana. **Conhecimento jornalístico**, Porto Alegre, n. 23, 79 p. ago. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/CANDIDA/Downloads/7791-26982-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018

MARCON, K.; MACHADO, J.B.; CARVALHO, M.J.S. Arquiteturas Pedagógicas e Redes Sociais: Uma experiência no Facebook. **Anais do 23º Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2012)**, ISSN 2316-6533 Rio de Janeiro, 26-30 de Nov./ 2012. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/1693/1454>. Acesso em: 14 set. 2018.

MENNINGER, K. **Eros e Tântatos**: o homem contra si próprio. São Paulo: Ibrasa, p. 20, 23, 89, 90, 207, 316 e 318, 1970.

OCHOA, C. Amostragem não probabilística: amostra por conveniência. **Netquest**, out. 2015. Disponível em: <https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/amostra-conveniencia>. Acesso em: 01 maio 2019.

OLIVEIRA, T.M.V. Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. **Administração On Line, Prática-Pesquisa- Ensino**, v.2 n.3, jul./ago./set. 9 p. 2001. ISSN 15177912. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_amostragem_nao_probabilistica_adequacao_de_situacoes_para_uso_e_limitacoes_de_amostas_por_conveniencia.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

RAMOS, E. Anatomia do suicídio. **Arq. bras. Psic. apl.**, Rio de Janeiro, 80 p. abr./jun. 1974 Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/viewFile/17079/15878>>. Acesso em: 19 out. 2018.

RASERA, E. F. A psicologia discursiva nos estudos em psicologia social e saúde. **Estudo pesquisa em psicologia**. vol.13, n.3, Rio de Janeiro, dez. 2013. ISSN 1808-4281. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1808-42812013000300002>. Acesso em: 08 abr. 2019.

ROSA, G.A.M.; SANTOS, B. R. Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, vol. 23, n. 4. dez./ 2015. ISSN: 1413-389X. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400010>. Acesso em: 12 ago. 2018.

RUIZ, Á. J. **Metodologia Científica**: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 50 p. 1986.

TRIGUEIRO, A. **Viver é a melhor opção**: a prevenção do Suicídio no Brasil e no mundo. 2. ed. São Bernardo do Campo, SP: Correio Fraternal, p. 12, 20, 24,41, 42, 45. 2015.

SOLOMON, A. **O demônio do meio-dia**: uma anatomia da depressão. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 247, 248 e 266, 2015. ISBN: 978-85-359-2463-3.

VALENTIM, R.P.F. Psicologia discursiva e análise crítica do discurso: alinhando discurso e cultura na psicologia social contemporânea. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.6, n.11, 222 p. Ago. 2018. ISSN 2525-8222. Disponível em: <file:///C:/Users/CANDIDA/Downloads/179-618-1-PB.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2019.

VIDAL, C.E.L.; GONTIJO, E.C.D.M.; LIMA, L.A. Tentativas de suicídio: fatores prognósticos e estimativa do excesso de mortalidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.29, n.1, jan. 2012. ISSN: 0102-311X. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2013000100020&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 ago. 2018.

ZANLUQUI, L.V.; SEI, M. B. et al. **Suicídio**: já parou para pensar? Londrina: UEL, 2.ed. 1 p. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Suicidio%20-%20ja%20parou%20para%20pensar%20ordf%20edicao.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

APÊNDICES



ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL
CNPJ 88.332.580/0001-65



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa DO PRIVADO PARA O PÚBLICO: o percurso da ideação suicida nas redes sociais. É uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa e de natureza aplicada de campo. Essa pesquisa tem por objetivo entender e buscar conhecer esse universo que envolve os pensamentos suicidas, e consequentemente os percursos que levam os suicidas a publicar nas redes sociais sua ideação, como também os perfis e as causas inerente a este formato comportamental. Justifica-se a pesquisa por entender que a população poderá ser beneficiada com o aumento do conhecimento acerca do tema, e, concomitantemente, casos de ideação possam ser reduzidos e detectados de imediato por seus pares, amigos e familiares.

A pesquisa acontecerá entre fevereiro de 2019 a março de 2019, de acordo com a disponibilidade das(os) entrevistadas(os) e da entrevistadora. A pesquisa se dará em uma sala, do prédio do Serviço Escola de Psicologia do CEULP/ULBRA - SEPSI, localizado na Av. JK, Quadra 108 Norte, Alameda 12, Lote 10, Plano Diretor Norte, Palmas – TO. CEP: 77.006-902. Os gastos para que você se desloque até o local da entrevista serão ressarcidos pela pesquisadora responsável desta pesquisa, baseando-se no valor da passagem do transporte público na data da pesquisa.

A entrevista durará cerca de 1 (uma) a 2 (duas) horas, na qual a pesquisadora realizará perguntas previamente organizadas a fim de colher alguns dados a respeito do percurso da ideação suicida do privado para publicização nas redes sociais. Será utilizado um gravador para que os dados sejam coletados com maior fidedignidade. As informações coletadas serão reunidas e analisadas pela pesquisadora em seu trabalho acadêmico. Você terá livre acesso a este trabalho após a sua conclusão, e em nenhum momento serão divulgados seu nome, seus dados pessoais ou informações que comprometam sua integridade. Os benefícios da pesquisa são: essa entrevista permitirá adentrar neste universo pelo olhar do cliente, de forma direta e imediata, proporcionando melhor entendimento dos fenômenos que permeiam seus pensamentos

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora-assistente

Assinatura da pesquisadora-responsável

Com os resultados da pesquisa, muitos poderão ser beneficiados de forma indireta, ou seja, os dados obtidos fomentará possíveis estudos, a quem se interessar. Por ser tratar de um fenômeno que ainda sofre tabus, ter mais informações possibilitará ampliar este contexto.

Os riscos estão relacionados a reincidência desses pensamentos, sugerindo que esta entrevista possa ser um gatilho de algo que estava adormecido, e que não foi totalmente elaborado. A fim de prevenir essas situações, os clientes serão entrevistados no SEPSI, e os profissionais que permeiam este universo estão gabaritados para realizarem atendimentos de emergência, caso necessitem. Ressaltando que toda a rede de apoio poderá ser acionada: família, médico psiquiatra, e psicólogo (pessoal). Os áudios coletados durante a entrevista serão transportado para computador, posteriormente em CDs. Serão preservados por este meio, e guardados na coordenação do curso de Psicologia por um período equivalente de 5(anos).

Também é disponibilizado a você, participante, o acesso ao Serviço de Psicologia (SEPSI) dispositivos da rede de saúde e atenção psicossocial caso seja necessário, e a pesquisadora acompanhará o processo até que seu encaminhamento tenha dado entrada nos serviços. As pesquisadoras também se comprometem a dar cobertura material para reparação de quaisquer danos causados a você e que sejam decorrentes da participação na pesquisa.

Fica explícita a sua total liberdade em se retirar a qualquer momento da entrevista e desistir da sua participação na pesquisa, sem precisar dar quaisquer justificativas e sem nenhum dano à sua integridade. Você também terá direito a uma via deste termo, enquanto a outra permanecerá na coordenação do curso de Psicologia do CEULP/ULBRA.

Este projeto será aplicado pela pesquisadora Cândida Pereira da Silva, contatada pelo número telefônico (63) 9 8436 2815, psicóloga em formação, orientada pela Prof.^a Me. Cristina D'Ornellas Filipakis, ambas vinculadas ao Centro Universitário Luterano de Palmas – Universidade Luterana do Brasil (CEULP/ULBRA).

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo você deve ligar para a Coordenação de Psicologia do CEULP/ULBRA, situada no Prédio 2, Sala 208, (63) 3219-8072 ou mandar um e-mail para psicologia@ceulp.edu.br. Ou ainda, contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do CEULP/ULBRA, situado no Complexo Laboratorial (Prédio 5), 1º Piso, Sala 541 através do número telefônico (63) 3219-8076 ou e-mail etica@ceulp.edu.br, ambos nas dependências da instituição, na Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas - TO CEP 77.019-900.

Considerando que fui informada dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Palmas, de de 2019

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora-assistente

Assinatura da pesquisadora-responsável

APÊNDICE B

Entrevista semiestruturada da pesquisa: DO PRIVADO PARA O PÚBLICO: o percurso da ideação suicida nas redes sociais

1. Nome
2. Idade
3. Estado civil
4. Religião
5. Cor
6. Gênero
7. Ocupação atual
8. Como você percebe sua constituição física?
9. Quando surgiu o primeiro pensamento suicida?
10. Você tem histórico de ideação suicida na família?
11. A ideação suicida ainda é recorrente em sua vida?
12. Quais foram ou são os mecanismos utilizados para o enfrentamento?
13. Como você se vê nessa situação?
14. Falando de redes sociais, qual importância dela em sua vida?
15. Já manifestou interesse em expor sua ideação suicida em rede social? Se sim, qual rede?
Se não, por que?
16. Referente a sua escolha de rede social para exposição da ideação suicida, qual é a relevância desta em sua vida?
17. A publicização nas redes sociais permite uma divulgação em massa do que é publicado. Para você, por que decidiu tornar pública a ideação suicida? Quais aspectos estão envolvidos nesta publicização?
18. Se houve publicação, quantas foram as postagens?
19. Se houve postagem, quais foram os direcionamentos (uma pessoa, um grupo ou para todos os seus contatos da rede social)
20. Qual diferencial dos que pensam de forma isolada, e dos que publicam?
21. Você se considera com perfil diferente dos que agem de forma isolada?